

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

TRANSFORMAR O MUNDO



PLAN

CONHECER

Mosair Gato

FTD

para um
CONHECER

MARX

TRANSFORMAR O MUNDO

Moacir Gadotti

“Até hoje os filósofos têm
interpretado o mundo de
diferentes maneiras; o que
importa é transformá-lo”
(XI Tese sobre Feuerbach)

EDITORIA **FTD** SA

MATRIZ: Rua Rui Barbosa, 156 (Bela Vista) SÃO PAULO - SP
CEP 01326 - Tel. 283-5011 - Cx. Postal 30402

**Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Gadotti, Moacir, 1941-

Marx : transformar o mundo / Moacir Gadotti. –
Sao Paulo : FTD, 1989. – (Prazer em conhecer).

1. Filosofia marxista 2. Marx, Karl, 1818-1883 I. Título. II. Série.

ISBN 85-322-0001-X

CDD-335.411
-320.532

89-0441

Índices para catálogo sistemático:

1. Marxismo : Ciência política 320.532
2. Marxismo : Fundamentos filosóficos 335.411

Editor: Jorge Cláudio Ribeiro

Assessoria de texto: Cleide Rita Silvério

Coordenação de revisão: Adolfo José Facchini

Edição de arte e projeto gráfico: Nair de Medeiros Barbosa

Produção e diagramação: Edilson Felix Monteiro

Capa: Chromo Digital - Design Gráfico

Ilustrações: Laerte Coutinho

Reproduções fotográficas: Cumorah

Coordenação de arte-final: Vera Lúcia Vaiano

Arte-final: Angelice Maria Taioque

Isabel Reis Guimarães

Ricardo Hamassak

Teresinha de Fátima Joaquim de Oliveira

Assistente de produção: Wilson Teodoro

Recado

para o professor

Esta coleção de Filosofia tem um objetivo simples: começar... do começo! Dirige-se ao jovem que se sente crescendo por dentro e que busca referências que o ajudem a se situar num mundo de idéias e decisões que se descortinam.

Para começar a coleção, escolhemos os filósofos Platão, Aristóteles, Descartes, Marx e Sartre. De certo modo, eles inauguram correntes de pensamento e são presença obrigatória na história das idéias. Sua apresentação é feita em livros separados para dar maior liberdade ao professor, que assim pode montar a programação de acordo com a necessidade pedagógica. Outros livros virão, sobre outros filósofos, aumentando as opções.

Procuramos utilizar uma linguagem simples e o mais clara possível. Escolhemos o essencial das idéias dos filósofos, evitando entrar por enquanto em aprofundamentos que poderiam ser indigestos a quem, pela primeira vez, coloca o pé na estrada da Filosofia.

COMO USAR

Para melhor aproveitamento didático, os livros da Coleção Prazer em Conhecer apresentam algumas “ajudas”:

- **VAMOS REFLETIR:** questões de compreensão sobre o próprio texto e sugestões para debate, onde se faz a ponte com a vivência do jovem e o mundo atual.
- **PROPOSTAS DE ATIVIDADE:** remetendo o leitor a realidades sociais concretas, as atividades propiciam experiências que dão “sentido” real ao que está escrito. São apenas PROPOSTAS, que não precisam ser seguidas à risca; são estímulos, indicações, e certamente serão adaptadas às circunstâncias particulares dos leitores.
- **ANEXOS:** textos, dos filósofos ou não, que ilustram as idéias apresentadas. Sua finalidade é ampliar a leitura, possibilitar debates, dar mais elementos para o trabalho em classe. O professor encontrará aí subsídios para suas aulas.

O autor

Pensei em me apresentar apresentando o que faço. Entendo que sou aquilo que faço.

Este livro está escrito para jovens e para trabalhadores. É um convite à leitura de um filósofo que se dedicou à tarefa de entender como é realizada a transformação social do mundo. Para tanto, ele precisava descobrir o funcionamento da sociedade, estudar a história humana e aí elaborar os instrumentos teóricos que possibilitassem a construção de uma trajetória melhor para a humanidade.

Essas páginas começaram a ser escritas em abril de 1986, na própria casa onde nasceu Marx, na Alemanha Federal. Longe de Inaê e de Dimitri, meus filhos, e de minha família — que vivem numa roça afastada, em Santa Catarina, onde nasci em 1941 —, perguntava-me: “Que faço aqui? Viajei apenas para me informar sobre um autor e escrever um livro?”.

Não era só isso. Estava lá procurando compreender melhor aquele homem, cujas idéias meteram tanto medo nos poderosos de sua época e levaram muitos a morrer mais tarde lutando por elas. Estava lá porque encontrava em Marx as armas de uma teoria capaz de transformar o mundo.

Como professor de Filosofia e de Educação (na Unicamp, na USP e na PUC, de São Paulo e de Campinas), acredito que as coisas que ensino não devem ser apenas instrumento para o aluno entender melhor a si e ao mundo. Devem colocá-lo diante do compromisso de construir uma sociedade mais amorosa, justa e igualitária, superando a descrença, a falsidade, o preconceito e a miséria.

Considero-me privilegiado, porque posso entregar-me com paixão ao estudo. Gosto de minha profissão, como gosto da luta, da transparência, da autenticidade. Nelas vejo — como vejo na alegria — um valor progressista.

Fazer filosofia é apaixonar-se por algumas idéias. Se, através deste livro, conseguir fazer com que outros sintam a mesma alegria e esperança que senti ao ler Marx, meu objetivo terá sido plenamente alcançado. O caminho da ciência e da cultura exige muito esforço. Mas o resultado é compensador: nenhum prazer supera o prazer de conhecer.

Ao escrever este livro, recebi numerosas contribuições; sou muito agradecido a todos.

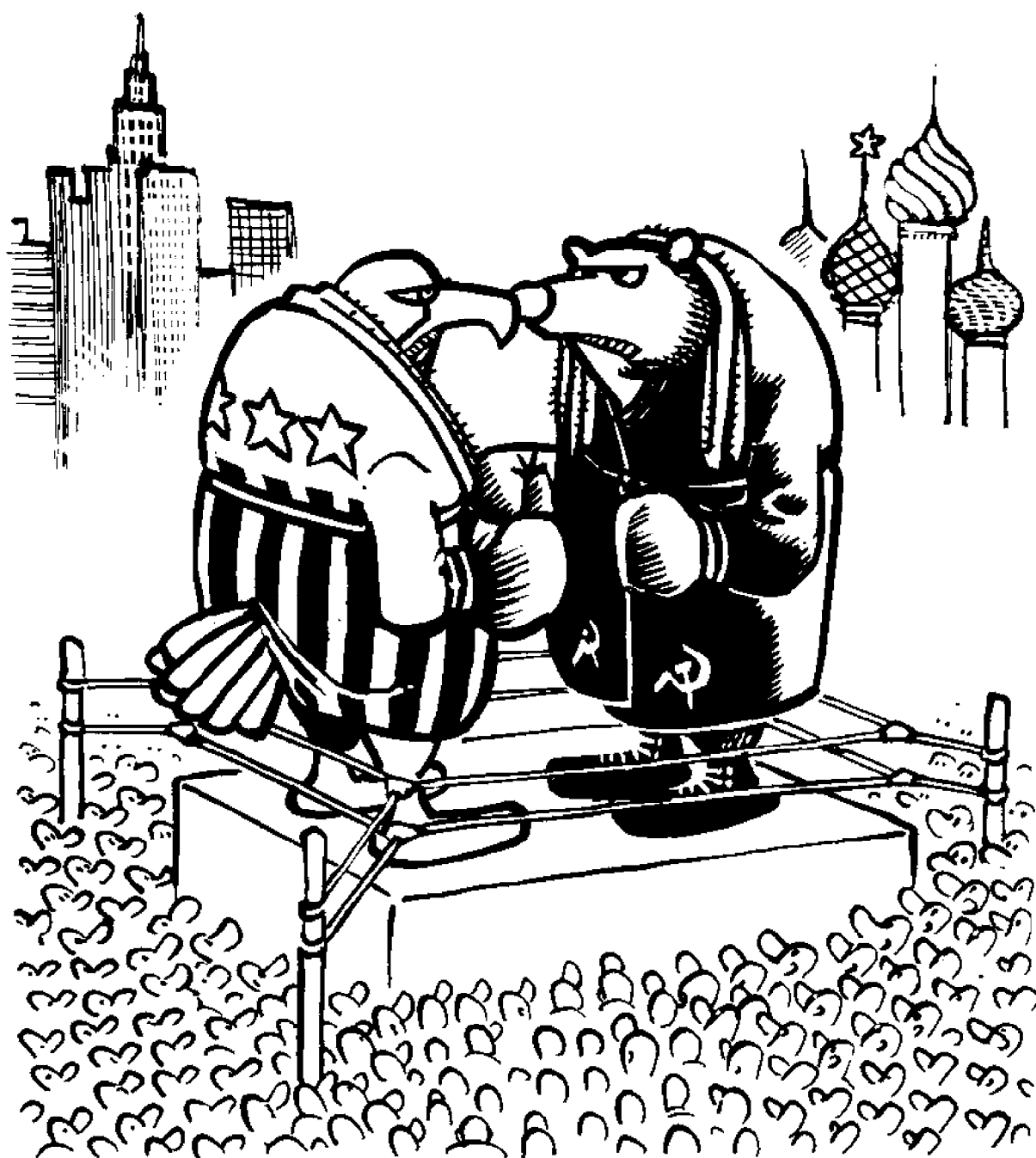
Índice

<i>Capítulo 1</i> — Rocky x Drago.....	6
<i>Capítulo 2</i> — O itinerário de um itinerante.....	11
<i>Capítulo 3</i> — Alicerces de um pensamento.....	28
<i>Capítulo 4</i> — Degradação do trabalho.....	39
<i>Capítulo 5</i> — Transformar o mundo.....	46
<i>Capítulo 6</i> — Dialética: a filosofia de Marx.....	55
<i>Capítulo 7</i> — Capital e trabalho.....	65
<i>Capítulo 8</i> — Dominação e resistência.....	74
<i>Capítulo 9</i> — As mutações do marxismo.....	82

Capítulo 1

Rocky × Drago

(Mas o cenário é que interessa)



Este livro trata de Karl Marx, sua pessoa, sua vida e suas principais idéias. O revolucionário barbudo já morreu, mas suas idéias estão presentes no nosso cotidiano, mesmo que não o percebamos.

E não é só isso. Nos jornais, na TV, nas músicas de *rock*, na publicidade, nos filmes, existe um conflito em torno do marxismo que não é muito fácil de identificar. No noticiário de todo dia nos deparamos com palavras como *socialismo*, *comunismo*, *classe social*, *ideologia* e *revolução*. Mas poucos prestam atenção ao cenário que está por trás delas.

Vejamos um exemplo simples, como o filme *Rocky IV*. Logo nas primeiras imagens aparecem duas luvas de boxe, uma de cada lado da tela. A da direita tem a bandeira americana e a da esquerda mostra a foice e o martelo. No momento seguinte, as duas se golpeiam e se destroem. Está apresentada a trama que vai percorrer todo o filme: EUA contra URSS no esporte profissional. O desafio de uma luta de vida e morte entre dois homens que simbolizam, no boxe, o conflito entre duas superpotências. Por trás do filho de imigrantes Rocky Balboa, o “Garanhão Italiano”, e do coronel Ivan Drago, o “Expresso da Sibéria”, é apresentado nos mínimos detalhes o confronto entre o capitalismo e o comunismo.

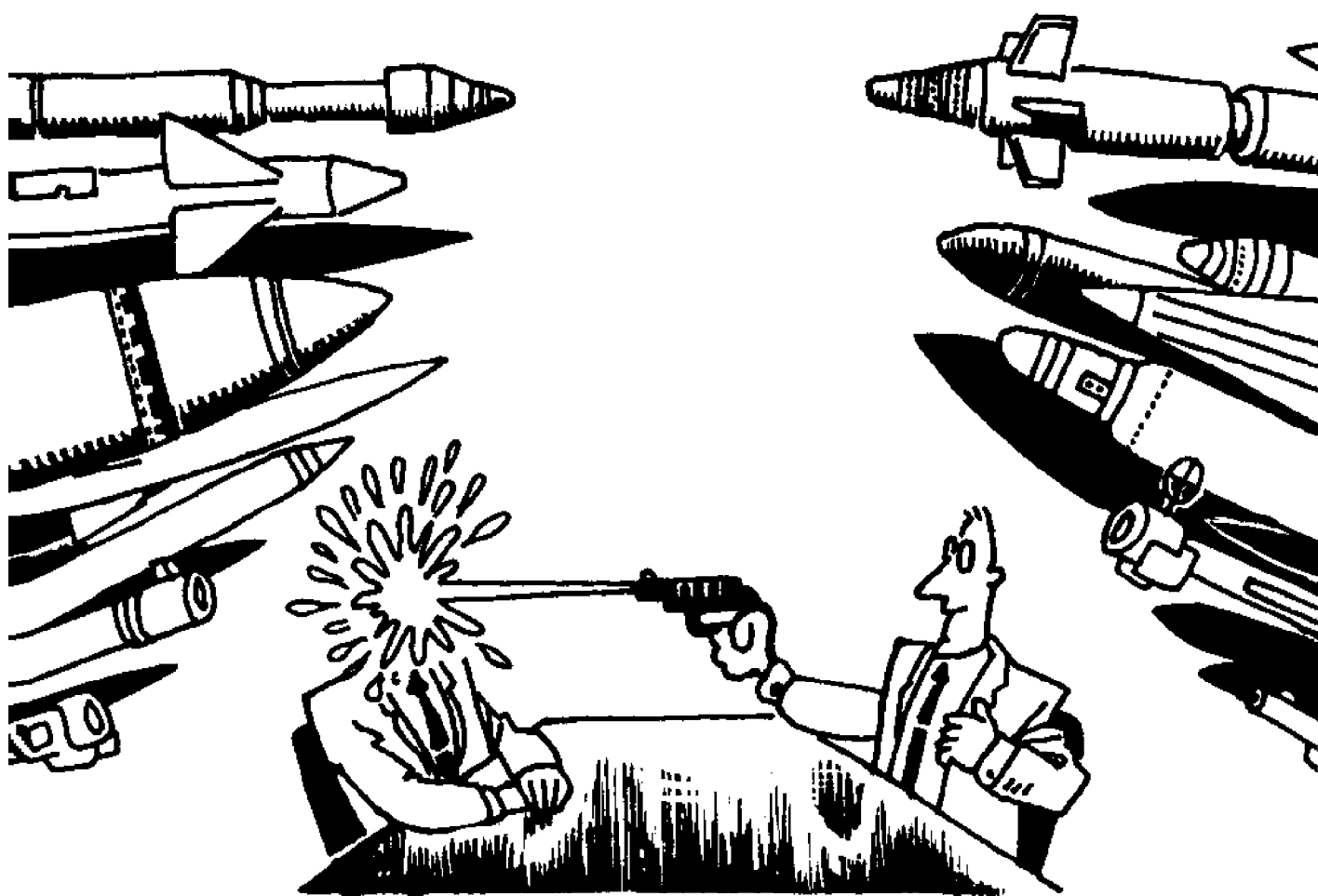
No final, claro, o campeão americano vence o campeão soviético, a princípio confiante mas logo intimidado pela resistência do oponente. Mas a vitória principal é dos tradicionais valores do “american way of life”, a pureza de sentimentos, a crença de que o esforço individual é sempre recompensado e de que o ser humano vale mais que a tecnologia de que se serve. Balboa e Drago se enfrentam como profissionais: afinal, o embate entre dois líderes mundiais não pode ser uma coisa amadorística, improvisada. Assim, a exibição esportiva de energia e indestrutibilidade

amplia seu campo de ação e ganha uma dimensão política: Balboa/EUA *versus* Drago/URSS. Mais ainda: a origem italiana de Rocky faz dele um símbolo de todo o “mundo livre”.

E o que isso tem a ver com Marx?

Quando um filme, ou qualquer outro produto cultural, coloca frente a frente a URSS e os EUA, está confrontando dois sistemas econômicos, políticos e ideológicos totalmente diferentes: o comunismo e o capitalismo. Ora, Marx é o principal pensador de uma corrente que é o fundamento político do sistema comunista. É natural que ele, mais de cem anos depois de morto, ainda seja uma poderosa referência — a favor e contra.

Nas notícias relativas a Cuba, ao governo da Nicarágua, aos partidos comunistas, à guerra do Afeganistão, à corrida espacial e às Olimpíadas, o que está por trás não é somente o desempenho esportivo, os índices de produtividade. O que está em disputa é uma filosofia de governo, uma forma de construir a vida humana. Parece que tudo se resume numa questão: “O que é melhor: o capitalismo ou o comunismo?”.



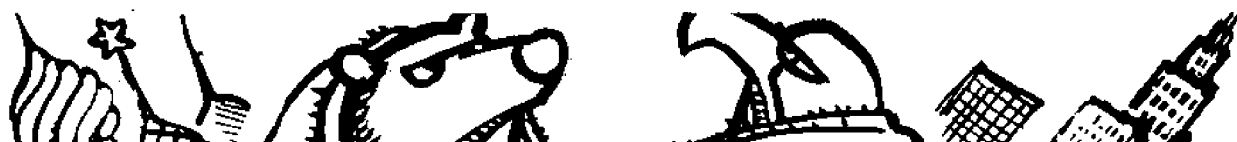
Para entender corretamente toda essa questão, que não começou hoje, ajuda muito estudar o pensamento de Marx. A partir dele percebemos que a tarefa da Filosofia é pensar a vida e o mundo, *para* transformá-los. Só que não se trata de pensar de qualquer jeito, como se a realidade fosse do tamanho da nossa casa e não existisse nada além do nosso quintal. É preciso discutir sempre mais o porquê de sermos livres, de amarmos, de duvidarmos e de ficarmos tristes (ou não). O porquê da fome, da miséria, da injustiça. Quanto melhor conhecermos uma realidade, maiores serão nossas chances de melhorá-la.

Campo minado

Costuma-se dizer que, sob certos aspectos, a vida em sociedade se assemelha a um campo minado, que só pode ser atravessado com segurança com a ajuda de um instrumento que detecte as bombas enterradas.

Como veremos, a época de Marx fez parte de um ciclo histórico particularmente explosivo. Camponeses e operários viviam dentro de um regime desigual, que não lhes possibilitava sequer imaginar o que seria uma vida digna. Nesse campo minado, o pensamento de Marx foi um dos melhores guias, não só para localizar/denunciar a destruidora exploração capitalista, como também para produzir uma análise profunda que propôs caminhos.

É evidente que a ação e a reflexão do nosso filósofo não se reduziram ao campo político e econômico. Marx é sem dúvida um dos pensadores mais completos que a humanidade já produziu. Sua obra é muito mais ampla do que a discussão entre sistemas político-econômicos, do que oposição aparentemente ingênua “mundo livre”/“cortina de ferro”. A obra de Marx exerce influência no pensamento científico e filosófico do nosso século. Para nosso filósofo, buscar a verdade é mais essencial do que se fixar em algumas verdades, ainda que estas sejam as que ele mesmo descobriu.



Vamos Refletir

1. Quais as principais idéias que estão atualmente em conflito no campo:
 - da política?
 - da arte?
 - da religião?
 - do esporte?
 - da música?
 - da filosofia de vida?
 - Procure conflitos comuns a vários desses campos.
2. Selecione poemas e músicas em que apareçam os conflitos de idéia acima e notícias de jornal a respeito (de preferência aquelas em que aparecem as palavras *socialismo*, *comunismo*, *livre iniciativa*, *capitalismo*, *marxismo*).
3. Até que ponto as expressões “mundo livre” e “cortina de ferro” correspondem à realidade?

Propostas de Atividade

1. Assistir a filmes/vídeos, como *Rocky IV*; *Doutor Jivago*; *Rambo*; *Guerra nas estrelas*. Debater como é apresentada a ideologia das superpotências e o conflito entre elas. Até que ponto esses filmes colaboram para a causa da paz?
2. Entrevistar várias pessoas (agrupando-as por idade, sexo, profissão) sobre: “Qual a contribuição de Marx para o mundo de hoje?”
3. Elaborar um texto próprio (cerca de vinte linhas) sobre: “O principal conflito do mundo moderno é...”
 - Guardar esse texto até que você tenha lido todo este livro.

Capítulo 2

O itinerário de um itinerante



Era das revoluções

Karl Marx nasceu no dia 5 de maio de 1818, em Trier, cidade que na época tinha doze mil habitantes, situada ao sul da Prússia, reino que fazia fronteira com a França. Foi a Prússia que comandou “a ferro e sangue” a unificação dos estados independentes alemães, concluída em 1870.

O filósofo nasceu exatamente na metade do período compreendido entre duas datas importantes: 1789 (queda da Bastilha e marco inicial da Revolução Francesa) e 1848 (quando houve revoluções por toda a Europa, sobretudo na Alemanha e na França, misturando ideais liberais, socialistas e de identidade nacional). Esse período, em que ocorreu um complexo e conflituado desenvolvimento da indústria, é conhecido como a Era das Revoluções.

Essa foi uma época não só de grandes transformações e progressos, como também de grandes tensões sociais. As expectativas otimistas de enriquecimento geral não se realizaram: o progresso beneficiou apenas as classes dominantes. Elevando ao máximo a taxa de exploração da força de trabalho, com enorme custo social, os capitalistas acumulavam suas riquezas.



Casa onde Marx nasceu

Mas não foi menos conturbada a fase histórica que vai desde a publicação do *Manifesto comunista*, de Marx e Engels (em 1848), até a primeira Revolução Socialista (na Rússia, em 1917). Devido a seus desdobramentos, pode-se até dizer que a Era das Revoluções não acabou ainda.

Entre 1848 e 1917:

- surgiram a Itália e a Alemanha como países com governo central, onde antes havia uma grande quantidade de unidades menores, completamente autônomas;
- o movimento operário se desenvolveu enormemente, bem como sua organização internacional;
- nos EUA, entre 1861 e 1865, eclodiu a Guerra de Secessão, entre o Norte industrializado e o Sul agrícola, cuja detonadora foi a libertação dos escravos;
- na França, derrotada na Guerra Franco-Prussiana, em 1871, os trabalhadores se sublevaram e tomaram o poder em Paris, governando durante dois meses. Foi a Comuna de Paris. Aboliram-se a polícia e o exército, e a cidade foi organizada segundo as necessidades populares. O governo central teve de se deslocar para Versalhes. A retomada de Paris foi precedida de uma luta sangrenta. A repressão aos vencidos foi violenta, com a execução de vinte mil *communards* (adeptos da comuna).

De exílio em exílio

Hirschel Marx, pai do nosso filósofo, era advogado. Filho de um rabino judeu, converteu-se ao protestantismo quando Karl ainda era criança. A conversão se deveu ao fato de Hirschel temer as consequências das leis anti-semitas promulgadas pelo rei da Prússia. A mãe de Marx era a holandesa Enriqueta Pressburg, que também descendia de rabinos judeus mas não pretendeu exercer nenhuma influência doutrinária sobre o filho.

Desde cedo o jovem Karl manifestou um agudo sentido de justiça e uma visão ampla acerca da humanidade. Exemplo disso é a redação que fez durante um exame final na escola secundária:

Reflexões de um jovem a respeito da escolha de uma profissão

Ao escolher uma profissão deve-se ter certeza de não se estar colocando na posição de mero instrumento servil nas mãos de outrem. O indivíduo deve manter sua independência em sua própria esfera e certificar-se de que está servindo à humanidade. Caso contrário, ainda que venha a se tornar famoso como erudito ou poeta, não será jamais um grande homem. Nunca nos realizamos verdadeiramente, a menos que estejamos trabalhando pelo bem de nossos semelhantes; neste caso, não só nosso fardo não será pesado demais, como também nossas satisfações não serão apenas alegrias egoístas. Assim, precisamos estar atentos para evitar cair na mais perigosa de todas as tentações: o fascínio do pensamento abstrato.

Aos 18 anos, Karl se apaixonou por Jenny, filha do barão de Westphalen, quatro anos mais velha do que ele. Casaram-se em 1843, após cerca de sete anos de noivado.



Jenny



O jovem Marx

No período 1835/36, frequentou o curso de Direito na Universidade de Bonn, fazendo estudos também de História, Filosofia, Arte e Literatura. Seguindo o conselho do pai, Karl se transferiu, em outubro de 1836, para uma universidade mais importante, em Berlim, cidade que contava com trezentos mil habitantes. Aí havia lecionado o grande filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel, cujas idéias dominavam o ambiente universitário e também tiveram muita influência sobre o jovem Marx.

Nessa época, Karl frequentou um círculo de poetas — mais tarde ele mesmo reconheceu que sua poesia não tinha valor artístico. Logo abandonou as musas e se concentrou no estudo de Filosofia, sem deixar de admirar as grandes obras artísticas do passado. Sabia de cor poemas de Homero, Horácio e Ovídio. Essa sensibilidade literária pode ser percebida nos seus escritos.

Desde cedo Marx dedicou-se ao estudo de vários filósofos: Hegel, Spinoza, Kant, Leibniz, Aristóteles e Epicuro. Em 1841, aos 23 anos, ele defendeu sua tese de doutoramento na Universidade de Iena. A tese tratava da teoria do conhecimento e fazia críticas às idéias de Hegel sobre religião. Seu título: *A diferença entre a Filosofia da Natureza de Demócrito e Epicuro*.

Devido a suas idéias igualitárias, Marx sofreu perseguições do regime de Frederico Guilherme IV, recém-implantado e que se caracterizou por um comportamento instável: libertou presos políticos e relaxou a censura à imprensa para restabelecê-la em seguida, quando seu governo foi criticado.

No início de 1842, Karl se encontrava na aflitiva situação de professor desempregado, em Bonn, sem meios para se casar. Vendo-se na impossibilidade de manifestar suas idéias na universidade, o jovem filósofo resolveu apresentá-las nos jornais. Aliás, é muito comum na história dos movimentos sociais encontrarmos revolucionários, jornalistas e literatos, tudo isso reunido em uma única pessoa.

O primeiro artigo de Marx, que tratava da censura à imprensa..., foi censurado! O filósofo-jornalista passou a enviar seus textos para o jornal liberal *A Gazeta Renana*, editado na mesma cidade. Seu tema principal era a liberdade de imprensa: se o jornal se tornasse um negócio, a informação perderia a objetividade, e a crítica não teria mais independência.

Iniciada em abril, a colaboração de Marx em *A Gazeta Renana* teve tanto sucesso que, no dia 11 de outubro, ele se transferiu para Colônia e assumiu a direção do jornal. Por pouco tempo: após um violento artigo contra o absolutismo russo, publicado em janeiro de 1843, o jornal foi fechado, por pressão do czar Nicolau I junto ao governo prussiano.

Já que não havia condições de continuar seu trabalho, Marx combinou com o amigo Arnold Ruge a fundação de uma nova revista, que seria publicada em Paris. Em 1844, tendo Marx como redator-chefe, saiu o primeiro — e único — número dos *Anais Franco-Alemães*. Mais tarde, perseguido na Prússia, o filósofo transferiu-se para a capital francesa, junto com a esposa Jenny, logo após a lua-de-mel.

Em Paris, Marx ficou amigo de Heinrich Heine, grande poeta alemão. Nessa cidade também se engajou no movimento socialista dos operários franceses. Para garantir, precariamente, seu sustento, ele colaborava na revista mensal alemã *Vorwärts!* (Avante!), editada em Paris.

Por seus artigos sobre a situação política na Alemanha, o rei Frederico Guilherme IV pressionou Guizot, ministro do Interior francês, que acabou expulsando do país Marx e dois colaboradores da *Vorwärts!*, Heine e Bakunin, em fins de 1844.

Em fevereiro de 1845, Marx foi com a família para Bruxelas. Mas, para entrar na Bélgica, ele teve de assinar um documento em que se comprometia a não publicar no país nenhum artigo sobre atualidade política, nacional ou internacional.

Logicamente, o filósofo não cumpriu a determinação e mandou artigos para a Alemanha. Em fevereiro de 1848, ele foi preso juntamente com Jenny. Ambos foram expulsos da Bélgica. Passaram dois meses em Paris.

No dia 10 de abril daquele ano, aproveitando a morte de Frederico Guilherme IV e a aparente democratização da Prússia, a família Marx, junto com seu grande amigo Friedrich Engels, instalou-se na cidade de Colônia. Lá iniciaram a publicação da *Nova Gazeta Renana*, fechada pelo governo no ano seguinte. Engels teve expedido contra ele um mandado de prisão e foi obrigado a exilar-se em Londres. Depois de nova passagem por Paris, Marx também se exilou na capital britânica, onde chegou totalmente sem dinheiro. Da mesma forma como já fizera antes, Engels

correu em seu auxílio. Nosso filósofo permaneceu em Londres até o final da sua vida.

Meu amigo Engels

O pensamento e a vida de Marx tiveram influência decisiva em Engels, nascido em 28 de novembro de 1820 e natural de Barmen, cidade da Prússia Renana.

Filho de um industrial muito religioso e muito conservador, aos 19 anos Engels começou a publicar artigos de conteúdo democrático na revista literária de sua cidade, assinados com pseudônimo, para não piorar as relações familiares.



Engels

Em novembro de 1842, com 24 anos, Engels visitou a redação da *Gazeta Renana*. Não foi recebido amistosamente por Marx, que desconfiava de suas ligações com um grupo de comunistas de Berlim, com quem não simpatizava. No entanto Marx publicou dois artigos de Engels no único número dos *Anais Franco-Alemães*.

Os dois voltaram a se encontrar em Paris, no final de 1844, quando Engels concluía um estudo sobre o sistema capitalista inglês, que interessou vivamente a Marx. A partir daí estabeleceu-se entre eles uma amizade forte e duradoura.

Engels foi um consultor dedicado do trabalho de Marx e apreciava a exatidão científica e a formulação precisa das questões. Em diversos momentos ele socorreu financeiramente a família de Marx, cujas filhas o consideravam um segundo pai. Em 1850, para poder ajudar seu amigo, Engels teve de retomar as atividades comerciais na cidade inglesa de Manchester, trabalhando na empresa Ermen & Engels, da qual seu pai era só-

cio. Foi ele quem motivou o filósofo para o estudo da Economia Política, fornecendo-lhe todos os dados sobre a indústria na Inglaterra.

Mais tarde foi apelidado pelos familiares de “general”. Os artigos em que analisou a guerra franco-prussiana causaram grande impacto, porque acertou em seus prognósticos a derrota de parte do exército francês na batalha de Sedan, em 1870. Engels também lutou nos conflitos armados que pontilharam o processo de unificação dos estados germânicos.

Marx correspondeu à amizade de Engels. Manifestou seu reconhecimento numa carta, datada de 16 de agosto de 1867:

Querido Fred

Acabo de corrigir a última folha do último caderno de O capital; o prefácio, remeti-o corrigido ontem. Esta parte está concluída, então. Somente graças a ti foi possível. Sem teus sacrifícios não me seria possível levar a cabo o enorme trabalho que os três volumes exigem.

Um abraço. E muito, muito obrigado.

Karl

Em 1890, sete anos após a morte de Marx, Engels escreveu:

Meu destino é esse: colher a glória e as honras das sementes que foram plantadas por alguém maior do que eu: Karl Marx. Por isso, só posso prometer dedicar o resto de minha vida ao serviço ativo do proletariado para, se possível, um dia tornar-me digno dessa honra.

Com esse espírito, Engels lançou-se ao trabalho de completar a obra de seu amigo. Após a morte de Marx, Engels teve grande importância na organização dos trabalhadores. Viajou por muitos países, inclusive para os EUA, para realizar essa tarefa. No dia 5 de agosto de 1895 Engels morreu de câncer no esôfago. Por sua vontade expressa, seu corpo foi cremado e as cinzas jogadas no canal da Mancha, na costa sul da Inglaterra.

Intelectual e militante

Uma característica bem conhecida de Marx é seu trabalho intelectual e sua militância política, atividades que procurava integrar em prol da melhoria de vida dos trabalhadores.

Paul Lafargue, seu genro e secretário, conta que ele descansava andando de um lado para outro da sala. Chegou a formar uma trilha no assoalho entre a porta e a janela. O trabalho absorvia tanto o filósofo, que freqüentemente ele se esquecia de comer. Gostava de dar longos passeios a pé, envolvido em suas reflexões.

Marx não se satisfazia com facilidade com seu trabalho. Achava que o texto escrito nunca traduzia completamente as idéias que queria transmitir. Muito rigoroso, procurava certificar-se da exatidão dos menores fatos e referências, dedicando longas horas à pesquisa na biblioteca. Não publicava um único trabalho sem fazer revisões sucessivas. Não suportava falar em público sem meticulosa preparação.

Esse rigor levou-o a ler textos completamente desconhecidos. O filósofo trabalhava diariamente na sala de leitura do Museu Britânico, a mais famosa da época. Aí teve acesso aos “livros azuis”, que eram da altura de um jornal, assim chamados devido à cor de suas encadernações. Neles estavam os relatórios dos inspetores de fábricas, encarregados pelo Parlamento de verificar as condições de trabalho. Marx foi um dos poucos leitores desses volumes. Junto com Engels, tomou informações sobre a vida da classe operária inglesa. Numerosas passagens dos “livros azuis” são citadas em *O capital*.

No fim da vida, Marx iniciou um estudo sobre a evolução histórica da instituição familiar. Suas anotações foram utilizadas mais tarde por Engels no livro *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*.

Também no final de sua vida, adoentado, Marx acompanhou experiências científicas da época sobre a transmissão da eletricidade a longa distância. Organizou uma cronologia da história da Alemanha. Sua curiosidade intelectual ainda era tão viva que, apesar da idade, ele se mantinha atualizado politicamente e chegou a estudar o antigo Egito.

Marido e pai amoroso

Embora menos conhecidas, as características pessoais de Marx foram tão importantes quanto sua faceta de intelectual e militante. Ele era um pai amoroso e meigo. As filhas o apelidaram de “Mouro”, devido à sua pele morena. A família passeava muito, a pé, pelos parques de Londres, onde fazia piqueniques. Marx costumava dizer que “os filhos devem educar os pais”.



Engels com Marx e as filhas

A esposa, Jenny, foi sua companheira e ajudante da vida inteira. Em Londres, onde a família sofreu toda sorte de privações, Jenny vendeu a mobília e penhorou a prataria, que herdara.

Certa vez, em 1853, um agente de polícia foi à casa do filósofo:

Marx vive num dos bairros piores e, portanto, dos mais baratos de Londres. Ocupa dois aposentos. O que dá para a rua é a sala, sendo o dos fundos o quarto. No meio da sala há uma mesa grande e antiga, coberta de manuscritos, livros

e jornais, bem como brinquedos, utensílios de costura de sua esposa... Mas nada disso causa o menor constrangimento a Marx nem a sua esposa. Eles recebem a visita com muita amabilidade, oferecendo-lhe o que houver para oferecer. Aos poucos toma forma uma conversa inteligente e interessante, que compensa todas as deficiências domésticas... Como marido e pai, apesar de seu temperamento instável e inquieto, era o mais doce e meigo dos homens.

Marx entendia que a relação homem—mulher é uma troca de valores: amor se troca por amor, confiança por confiança. Mas quando um dos parceiros se deixa alienar pela propriedade, pelo dinheiro, os valores são subvertidos: o amor se transforma em ódio, o vício é considerado virtude, a fidelidade se dilui. Para ele, o amor é o caminho por onde todos os seres humanos se apropriam do próprio *ser*; é o modo de se relacionar com o mundo como homem total. Essa condição só é prejudicada quando o *ter* passa a ser a meta.

O amor não fazia parte das preocupações teóricas de Marx, ele vivia o que pensava: o amor é o meio de o homem se realizar como pessoa. Nosso filósofo nunca deixou de se empenhar em seu relacionamento com Jenny. O casal teve quatro filhas e dois filhos: Jenny (como a mãe), Laura, Eleonor, Guido, Francisca e Edgard. Os três últimos morreram ainda pequenos, durante o período de dificuldades por que passaram.

O clima familiar foi manifestado por Jenny, em carta a um trabalhador amigo da família. Depois de expor as dificuldades financeiras, ela conclui:

Não pense que esses sofrimentos triviais me abateram o ânimo. Sei muito bem que nossa luta não é isolada e que eu em particular devo considerar-me feliz e privilegiada, pois meu querido marido, esteio de minha vida, ainda está a meu lado. A única coisa que realmente me dói e faz sangrar meu coração é o fato de ele ser obrigado a suportar tantas mesquinhas, de haver tão poucos que o ajudem, e ele, que com tanta disposição e boa vontade já ajudou a tantos, encontrar-se tão desamparado aqui.

Nenhum inimigo pessoal

No prefácio da primeira edição de *O capital*, em 1867, Marx adverte que foi muito duro em suas avaliações, sobretudo contra os capitalistas e os proprietários de terra, mas que para ele não se tratava de questões pessoais: *as pessoas (criticadas) só interessam à medida que representam categorias econômicas, em que simbolizam relações de classe e interesse de classe*. A nível individual, Marx tinha o maior respeito por todas as pessoas, mesmo por aquelas que professavam idéias contrárias às dele.

Em 1875 seu estado de saúde era bem precário, fruto dos anos de miséria e sofrimento. Tinha dores de cabeça, bronquite crônica e furúnculos. Nos últimos anos de sua vida, sofria de dor de garganta e de complicações pulmonares. Marx procurou estações de repouso, que trouxeram apenas melhores passageiras. Mas ele manteve o ritmo de trabalho.

O golpe definitivo começou com a morte de Jenny, a 2 de dezembro de 1881. Marx procurou recuperar-se, mas nova desgraça o atingiu: sua filha mais querida, que levava o nome da mãe, faleceu em janeiro de 1883.

Dois meses depois, no dia 14 de março, Marx falecia. Tranqüilamente, sozinho, à sua mesa de trabalho, com 64 anos de idade.

Marx foi sepultado no cemitério de Highgate, em Londres, no setor reservado às pessoas banidas e rejeitadas pela Igreja Anglicana.

À beira da sepultura, Engels proferiu emocionada oração fúnebre, evocando a obra de intelectual e militante realizada pelo filósofo:

Marx era, antes de mais nada, um revolucionário. Sua verdadeira missão na vida era contribuir, de um modo ou de outro, para a derrubada da sociedade capitalista e das instituições estatais por esta suscitadas, contribuir para a libertação do proletariado moderno, que ele foi o primeiro a tornar consciente de sua posição e de suas necessidades, consciente das condições de sua emancipação. A luta era seu elemento. E ele lutou com uma tenacidade e um sucesso com que poucos puderam rivalizar.

Marx foi o homem mais odiado e mais caluniado de seu tempo. Governos, tanto absolutos como republicanos, depor-

taram-no de seus territórios. Burgueses, quer conservadores ou ultrademocráticos, porfiavam entre si ao lançar difamações contra ele. Tudo isso ele punha de lado, como se fossem teias de aranha, não tomando conhecimento, só respondendo quando necessidade extrema o compelia a tal. E morreu amado, reverenciado e pranteado por milhões de colegas trabalhadores revolucionários — das minas da Sibéria até a Califórnia, de todas as partes da Europa e da América — e atrevo-me a dizer que, muito embora possa ter muitos adversários, não teve nenhum inimigo pessoal.

Em 1956, em cima do túmulo de Marx, foi construído um monumento que ostenta o lema que conduziu seus atos, seu pensamento e toda a sua vida:

TRABALHADORES DE TODO O MUNDO, UNI-VOS.

Cronologia

- 1818 — 5 de maio — Nasce Karl Marx, em Trier, na Prússia.
- 1820 — 28 de novembro — Nasce Friedrich Engels, em Barmen, numa região mais industrializada que Trier.
- 1831 — Morre Hegel, que deixou profunda influência na Universidade de Berlim e em toda a cultura alemã e ocidental.
- 1833 — Abriu-se no ginásio de Trier um inquérito para apurar a “subversão liberal” promovida pelo diretor, um protestante racionalista. Marx, que cursava o secundário, tomou o partido do diretor.
- 1836 — Marx e Jenny ficam noivos. No mesmo ano, Marx se matricula no curso de Direito da Universidade de Berlim.
- 1840 — É publicado o livro *O que é propriedade?*, de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), sociólogo, economista e um dos primeiros teóricos do anarquismo, cuja tese é “toda propriedade é um roubo”.

- 1841 — Publicação do livro *A essência do cristianismo*, de Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872), que defendia que a religião é um produto humano.
— Marx defende sua tese de doutorado.
- 1842 — Marx escreve *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, em que se opõe ao hegelianismo por não indicar os meios concretos de realizar as idéias.
- 1843 — Marx se casa com Jenny.
- 1844 — Publicação do *Esboço de uma crítica da economia política*, de Engels.
— Marx escreve os *Manuscritos econômico-filosóficos*, em que discute a teoria da alienação. Só foram publicados em 1931.
- 1845 — Marx e Engels publicam *A sagrada família*, em que criticam os jovens hegelianos de direita, entre eles Bruno Bauer. Nesse ano e no seguinte escrevem, com a mesma intenção, o livro *A ideologia alemã*, só publicado em 1932.
- 1846 — Marx inicia *A miséria da filosofia*, publicado no ano seguinte.
- 1848 — Marx e Engels publicam o *Manifesto do Partido Comunista*, a melhor introdução ao estudo do marxismo.
— Na França, é proclamada a República, que teve repercussão em movimentos nacionalistas na Alemanha, na Itália e na Hungria.
- 1849 — É publicado o livro *Trabalho assalariado e capital*, contendo conferências pronunciadas por Marx em Bruxelas dois anos antes.
- 1850 — Marx escreve *As lutas de classe na França*, sobre o movimento de 1848, que considera uma demonstração concreta de suas teorias do desenvolvimento da História.
- 1852 — Marx publica *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, sobre o golpe de estado de Luís Bonaparte, em 1851, de que resulta a criação do Segundo Império na França e em que Bonaparte assume o título de Napoleão III.
— Auguste Comte (1798-1857), filósofo e matemático francês, publica o *Catecismo positivista*, que pretendia a organização geral da vida e da sociedade segundo o método científico.
- 1859 — Marx publica a *Contribuição à crítica da economia política*.
- 1864 — É criada a Associação Internacional dos Trabalhadores (mais conhecida como Primeira Internacional), após um comício operário em Londres.
- 1865 — Marx publica *Salário, preço e lucro*, a pedido do conselho diretor da Internacional.
- 1867 — Publicação do primeiro volume de *O capital*, principal obra de Marx.
- 1870 — Um levante de trabalhadores em Paris obriga o governo a se retirar e instala a Comuna de Paris.
- 1875 — Em *Crítica ao programa de Gotha*, Marx analisa o programa do Partido Social-Democrata Alemão, estabelecendo a diferença entre o socialismo e o comunismo. Marx declara que não pretende a centralização do poder no Estado e sim a mais ampla liberdade de organização civil.
- 1878 — Engels publica o livro *Anti-Dühring*, criticando o social-democrata Eugen Dühring, cuja tese era de que uma revolução deveria destruir toda a ciência e a

cultura anterior e elaborar algo totalmente novo. Marx e Engels tinham enorme respeito pela cultura produzida até então, mesmo a de inspiração burguesa.

1883 — 14 de março — Morre Marx.

1884 — Engels publica *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*.

1885 — Publicação do segundo livro de *O capital*, sob direção de Engels.

1894 — Publicação do terceiro livro de *O capital*, editado por Engels.

1895 — 5 de agosto — Morre Engels.

1917 — Em outubro, ocorre a Revolução Russa, primeiro grande movimento socialista com base nas idéias de Marx.



Túmulo de
Marx em
Highgate



Vamos Refletir

1. Que profissão você pretende escolher? Por quê?
2. Compare sua resposta com o texto de Marx sobre a escolha da profissão. Debata em grupo.
3. Comente: “A prática sem teoria é ingênua, a teoria sem prática é estéril”.
4. Os sentimentos e emoções têm algum papel na luta contra a injustiça? Comente a frase do revolucionário Che Guevara: “É preciso endurecer-se, mas sem perder a ternura jamais”.
5. Analise o texto do *Manifesto*, sobre a família (anexo).
6. Na sua opinião, quais são os principais revolucionários do nosso tempo? Por quê? Compare com a oração fúnebre de Engels sobre Marx.

Propostas de Atividade

1. Conversar com um jornalista sobre a função política de sua atividade e da imprensa.
2. Fazer cartazes apresentando a síntese da vida e das idéias dos principais revolucionários do mundo atual.
3. Debater filmes/vídeos: *1900* (I e II); *Tempos Modernos*; *Danton e a Revolução*.
4. *Atividade interdisciplinar*
Com a ajuda do professor de História, montar painéis sobre:
 - Revolução Francesa;
 - Unificação política na Alemanha/na Itália;
 - Revolução Industrial e movimento operário;
 - Comuna de Paris;
 - Revolução de 1830 e 1848 na França;
 - Guerra de Secessão nos EUA.

Anexo

Manifesto comunista

Marx e Engels

(...) Sobre que fundamento repousa a família atual, a família burguesa? Sobre o capital, sobre o ganho individual. Em sua plenitude, a família só existe para a burguesia. Mas este estado de coisas encontra seu complemento na supressão forçada da família entre os proletários e na prostituição pública. (...)

E vossa educação? Não é ela também social e determinada pelas condições sociais sob as quais educais vossos filhos, pela intervenção direta ou indireta da sociedade, por meio de escolas etc.? Os comunistas não inventaram a intervenção da sociedade na educação; procuram apenas transformar o caráter dessa intervenção, arrancando-a da influência da classe dominante.

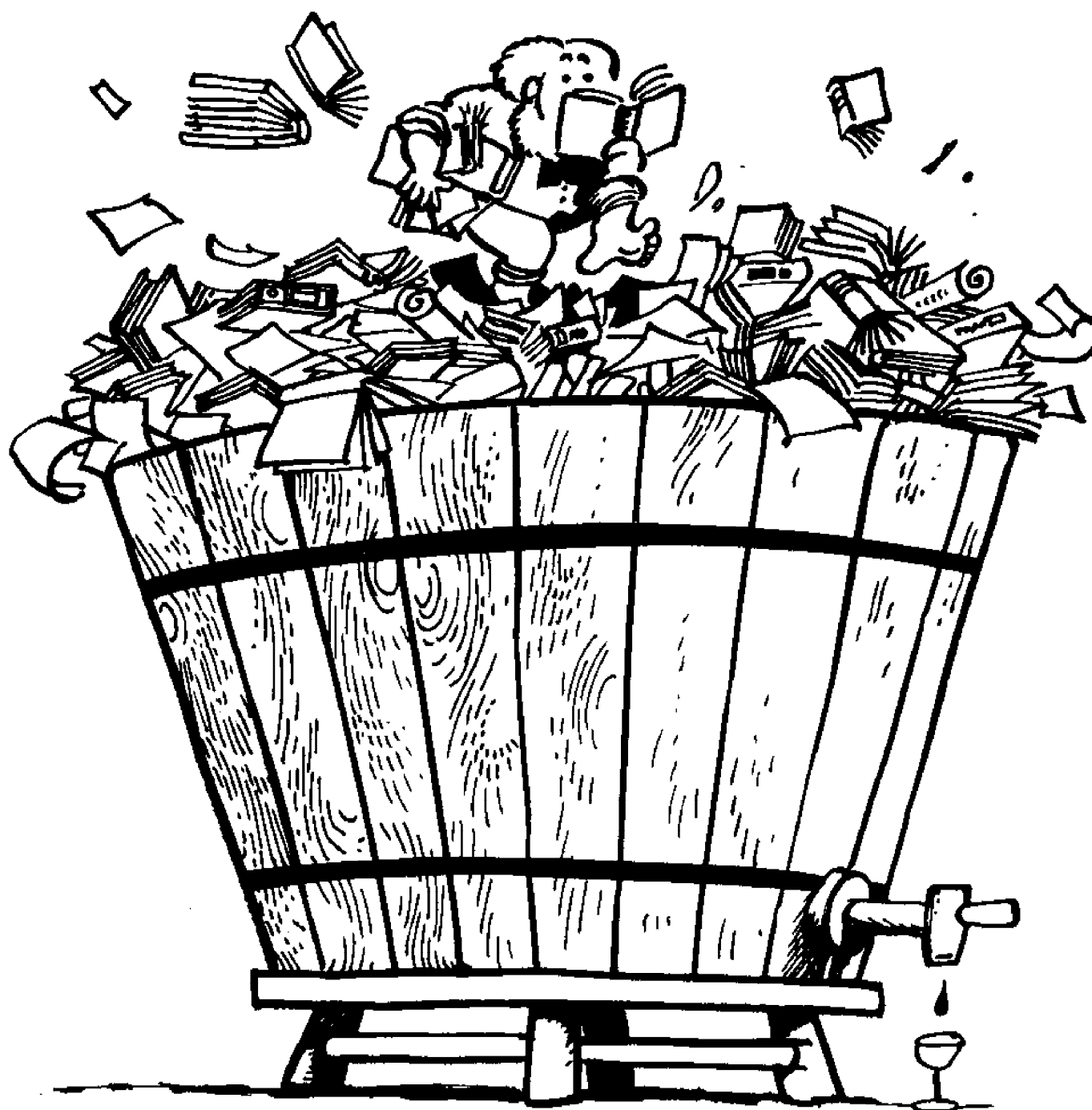
As declarações burguesas sobre a família e a educação, sobre os vínculos sublimes entre a criança e os pais tornam-se cada vez mais repugnantes à medida que a ação da grande indústria destrói todos os laços familiares dos proletários e transforma suas crianças em meros artigos de comércio, em meros instrumentos de trabalho.



Capa do "Manifesto do Partido Comunista" (edição de 1848)

Capítulo 3

Alicerces de um pensamento



Através do pai, homem muito culto, desde cedo Marx entrou em contato com as idéias do Iluminismo, corrente de pensamento que proclamava a Razão humana como a única autoridade perante a qual a filosofia poderia submeter-se e através da qual a sociedade humana poderia reorganizar-se. O Iluminismo floresceu no século XVIII e seus pensadores mais conhecidos foram os filósofos franceses Voltaire, Montesquieu e Rousseau.

Com seu sogro, o barão Ludwig von Westphalen, Marx aprendeu a admirar Homero, poeta épico da antiga Grécia, e Shakespeare, dramaturgo inglês do século XVI.

Além dessas influências, o pensamento, os escritos e a trajetória de lutas de Marx foram marcados sobretudo pela confluência das idéias de Hegel, dos economistas políticos clássicos e dos socialistas utópicos.

Vamos estudar essas idéias.

Hegel

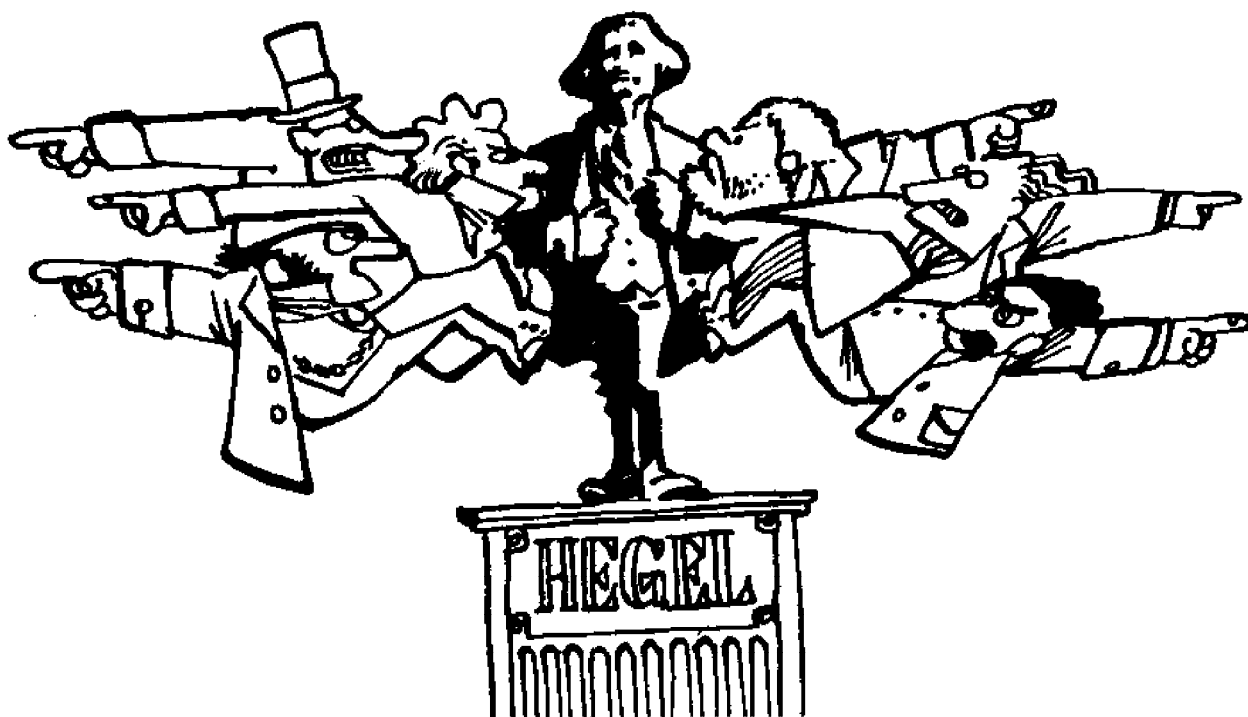
Quando entrou na Universidade de Berlim, o jovem Karl sofreu forte impacto da filosofia de Hegel, que aí lecionara durante vários anos. Após a morte de Hegel, em 1831, a influência de sua filosofia se expandiu pela Alemanha e por outros centros culturais.

O hegelianismo evoluiu em duas direções principais: para a direita e para a esquerda. Os *hegelianos de direita* seguiam uma posição



Georg Wilhelm Friedrich Hegel

conservadora, valorizando apenas o trabalho intelectual, distanciando-o da vida dos trabalhadores e da história concreta das sociedades. Os *hegelianos de esquerda* apontavam as limitações políticas de Hegel, que dava mais importância ao Estado absoluto do que às organizações autônomas da sociedade; o ponto de partida deles era a prática produtiva de homens concretos e a dinâmica da sociedade civil. Os hegelianos de esquerda consideravam que a militância política é a forma de construção da História. Marx fazia parte dessa segunda corrente.

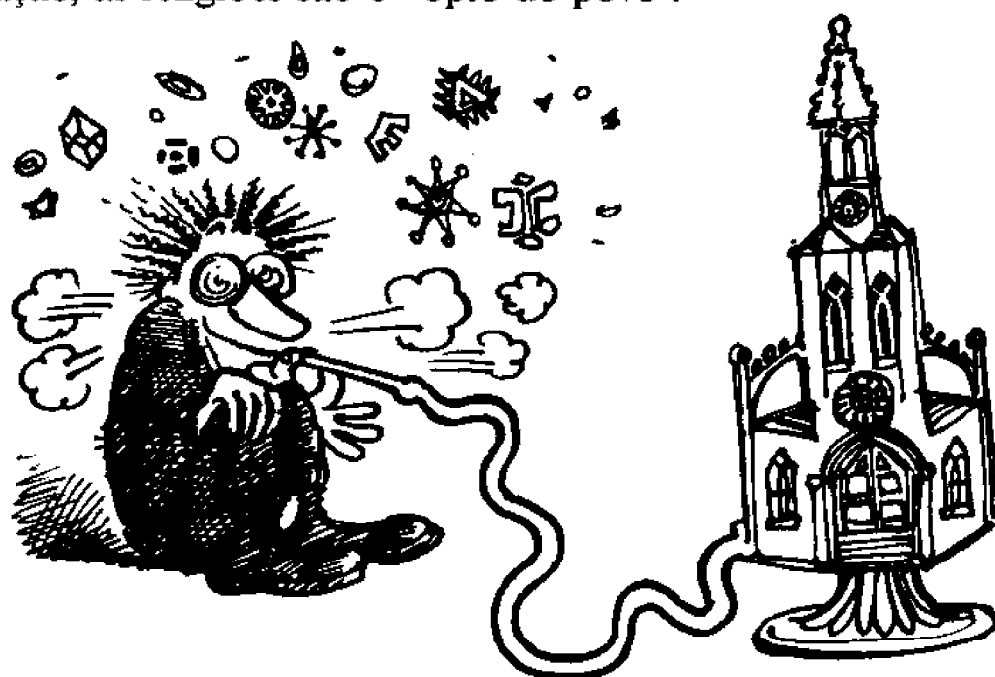


Uma idéia-base que caracterizava os Jovens Hegelianos era a *crítica* da filosofia, que eles não entendiam como um sistema de idéias prontas e definitivas mas sobretudo como um programa de ação para ser realizado e não apenas estudado. Essa tese se opõe a um dos princípios fundamentais do pensamento de Hegel: “Tudo o que é racional é o real”. Isto é, as idéias têm mais densidade, mais conteúdo do que o real que existe e, quando são “boas” (capazes de convencer nossa Razão), acabam necessariamente se concretizando.

Outra idéia-base dos hegelianos de esquerda, e que aproveitaram de Hegel, era a unidade entre o humano e o divino, isto é, Deus é o homem. Em um de seus primeiros artigos, Engels dizia: “Até aqui, a pergunta sempre foi: *O que é Deus?* Pois a filosofia alemã a respondeu da seguinte forma: *Deus é o homem*”.

Seu lema passou a ser um certo ateísmo, entendido mais como uma afirmação do homem do que como negação de Deus. Para eles, quem faz a História somos nós, e não Deus, ou um destino que ninguém é capaz de explicar.

Marx criticava duramente a religião de sua época, que era uma forma de dominação. Para ele, a religião era uma solução ilusória, uma reação impotente contra a vida insatisfatória dos homens. Na prática, a religião não era capaz de transformar um mundo dominado por instituições baseadas na propriedade privada. Por pregarem o conformismo e a resignação, as religiões são o “ópio do povo”.



“A religião é o ópio do povo” é uma expressão criada por um pastor protestante do século XVI. Ao retomar essa tese, Marx se referia à maioria das expressões religiosas de sua época. Não queria dizer que A religião, de todos os tempos e de todas as formas, é a alternativa ilusória para a opressão. Se dissesse isso, Marx estaria baseando-se na idéia de que as instituições são imutáveis, o que é completamente estranho à sua teoria.

No entanto, segundo Marx, a religião é também um protesto contra um sofrimento real, “suspiro da criatura oprimida, coração de um mundo sem coração, espírito de uma situação sem espírito”. O judaísmo e o cristianismo não existem por acaso: essas duas religiões refletem a situação em que se encontra o mundo. Quem quiser libertar o

homem de suas ilusões religiosas, precisa transformar o mundo que as tornou necessárias, mudar a estrutura social e econômica da sociedade. De nada adianta combater o efeito sem modificar a causa.

Outra contribuição importante da filosofia hegeliana ao pensamento marxista são os conceitos de dialética e alienação, que Marx entendeu de forma própria, como veremos nos capítulos seguintes.

Economia Política

A segunda influência sobre o pensamento de Marx foi a economia política clássica, basicamente representada pelo escocês *Adam Smith* (1723-1790) e pelo inglês *David Ricardo* (1772-1823).

Smith publicou *A riqueza das nações: investigações sobre sua riqueza e suas causas*. O livro coincide com a Revolução Industrial, em cujo interior Smith exalta a importância do individualismo como fator econômico. Essa obra representou uma revolução no pensamento político da época, inaugurando uma nova ciência humana: a Economia Política. Até aquele momento, a Economia era um ramo da Filosofia.

As idéias de Smith se contrapunham ao pensamento econômico tradicional, baseado no mercantilismo, que ensinava que a riqueza de uma nação se constituía pela sua quantidade de moedas. Para obtê-las, dependia do comércio exterior.

Smith demonstrou que todas as atividades que produzem mercadorias produzem valor: no trabalho está a verdadeira origem da riqueza. Apontou ainda a origem do trabalho realizado *a mais* (excedente) pelo trabalhador e do qual o dono da empresa (fábrica, terra etc.) se apropria em seu proveito. O economista lançou as bases de uma teoria que explicava a exploração do trabalho. Analisou também os efeitos da divisão do trabalho sobre a produtividade. Defendeu a livre concorrência como a base de uma economia eficiente.

As idéias de David Ricardo, considerado legítimo sucessor de Smith, predominaram na ciência econômica por mais de meio século. Ele foi capaz de pensar o sistema econômico não como atividades setoriais, mas como um todo. Ele defendia, juntamente com a burguesia, uma

política favorável ao lucro obtido na produção, desencorajando as rendas originárias de atividades não produtivas, como aluguéis, herança, juros. Desta forma, opunha-se à aristocracia e aos usurários (que viviam de juros).

Em *Os princípios da economia política e da tributação*, sua obra mais importante, datada de 1817, Ricardo trata da diferença entre o custo do trabalho (o salário) e o valor produzido pelo trabalho (que é superior ao salário). Marx retomou as idéias de Ricardo e Smith para desenvolver a teoria da mais-valia (parte do trabalho realizado que não é paga pelo salário e cuja diferença fica com o dono do capital).

Socialismo utópico

A terceira referência na teoria marxista foi o socialismo utópico, representado por Saint-Simon, Charles Fourier e Robert Owen, que centravam fogo sobre a situação social em que vivia a classe trabalhadora. Os socialistas utópicos defendiam um regime político de igualdade social, mas não levavam em conta a realidade concreta das sociedades e a possibilidade de transformá-la. Eles não compreendiam o mecanismo real das mudanças sociais. Criaram modelos imaginários de sociedade, organizadas segundo princípios contrários ao sistema dominante, na esperança de que fossem postos em prática em pequenas comunidades.

A Razão, tão valorizada no século XVIII, não aboliu a desigualdade e a injustiça. Pelo contrário, criaram-se dois mundos separados: a concentração cada vez maior da riqueza e a fome atingindo um número crescente de pessoas. A utilização das máquinas aprofundou o antigo abismo entre ricos e pobres.

Claude-Henry de Saint-Simon (1760-1825) dava muita importância à ciência e à indústria. Ele dividia a sociedade em grupos produtores e ociosos. A classe produtora se constituía em três grupos: cultivadores, fabricantes e negociantes. Já os ociosos viviam da renda da terra, trabalhada por terceiros. Saint-Simon defendia a obrigatoriedade do trabalho para todos, independentemente da posição social. Ele percebia as

condições desumanas de vida das classes pobres, mas não colocou em questão a sua causa, o sistema capitalista. Saint-Simon escreveu *A indústria; Catecismo dos industriais* e *O novo cristianismo*.

François-Marie Charles Fourier (1772-1837) foi um dos principais representantes do socialismo utópico. Escreveu vários livros e elaborou o projeto de comunidades cooperativas livres, denominadas *falanstérios*, onde lançava as bases de uma nova organização da sociedade. O falanstério (palavra que significa “reino da harmonia”) seria uma colônia agrícola com 1.600 pessoas. A educação das crianças e as refeições seriam coletivas. Os trabalhadores mudariam de tarefa a cada duas horas e os bens produzidos seriam repartidos coletivamente segundo o capital empregado, a capacidade e o trabalho de cada membro da comunidade.

Robert Owen (1771-1858) era um industrial inglês, que também escreveu vários livros. Ele teve condição de pôr em prática inúmeras vezes as suas idéias. A primeira experiência utópica de Owen ocorreu na grande fábrica que ele tinha em New Lanark, na Escócia, onde adotou melho-

rias sociais para os trabalhadores: criou jardins de infância, seus armazéns vendiam gêneros alimentícios a preços de custo. Também criou uma colônia cooperativa, New Harmonie. As duas experiências não foram adiante por problemas de organização.

Owen acreditava que o homem é produto das circunstâncias em que vive. Tipos anti-sociais, como criminosos e ladrões, são produzidos por essa mesma sociedade. Para mudar a situação, é preciso alterar a sociedade, através do uso da Razão. O governo e os grupos humanos devem ser racionais. A mudança da sociedade não deve ser feita através da violência, mas pela educação e pelo exemplo, que poderão organizar um sistema melhor.

Analisando as idéias e as experiências dos socialistas utópicos, Marx propôs outro enfoque da questão social, mais científico. Ele considerava que a opressão e a miséria são sustentadas por um poder material, que só pode ser derrotado através de outro poder material e não apenas por idéias. As filosofias e as doutrinas são inúteis se não dispuserem de instrumentos materiais para superar a desumanidade e a alienação. Esse instrumento é a organização da classe trabalhadora.

UTOPIA

A palavra *utopia* vem da união de duas outras palavras gregas: *u* (partícula negativa) e *topos* (lugar). Seu significado é “em nenhum lugar”. Assim, os projetos utópicos não se concretizam “em nenhum lugar”. Ao longo da história do pensamento, em geral, as utopias têm sido encaradas como modelos ideais de vida e sociedade, mas cuja realização concreta é impossível. Sonhos inúteis, portanto.

Mais recentemente, contudo, a idéia de utopia vem assumindo nova interpretação, de “situação que *ainda* não existe”, o que não quer dizer que nunca o será. Cada vez mais se percebe o quanto é necessário um “sonho impossível” às sociedades. Mesmo que a utopia não se concretize imediatamente, ela orienta a construção de um mundo que será melhor do que se o sonho não fosse manifestado. Um mundo melhor, mesmo que não seja o mundo ideal.

A existência de utopias demonstra a capacidade dos homens de buscar e lutar por uma realidade mais humana. Então, por que não produzir utopias? Estamos pesados para voar? Não gostaríamos de que o sonho de John Lennon, em sua canção *Imagine*, se realizasse?





Vamos Refletir

1. Comente: “Quanto mais o homem se fia em Deus, tanto menos se possui a si mesmo”. O homem precisa destruir a Deus para se afirmar?
2. Comente: “A religião é o ópio do povo”. Até que ponto é possível conciliar marxismo e religião?
3. Compare os anexos 1 e 2, que tratam de religião.
4. Quais os limites e as possibilidades do pensamento utópico? Debata as letras de *Imagine* e *Sonho impossível* (anexos).

Propostas de Atividade

1. Entrevistar um economista sobre as principais idéias que dirigem a atividade econômica em nossa sociedade; sobre as virtudes e defeitos do sistema capitalista e do socialista.
2. Pesquisar o noticiário sobre teologia da libertação.
3. Em grupos, montar textos ou peças sobre: “A sociedade ideal para nós”.
4. Assistir e debater os filmes/vídeos: *O homem de la Mancha*; *Evangelho segundo São Mateus* (Pasolini); *Godspell, a esperança*.
5. Leituras complementares
 - *História da riqueza do homem*, de Leo Huberman.
 - *Que é teologia da libertação*, de Francisco Catão.
 - *Fidel e a religião*, de frei Betto.
6. Compare os textos da Declaração Universal dos Direitos do Homem e *Estatutos do homem*, de Thiago de Mello (p. 54 do livro *Platão, ousar a utopia*, desta coleção).

Anexos

1. A crítica de Marx à religião

É um desafio lançado, em primeiro lugar, aos cristãos. O impacto histórico do marxismo e a profundidade da crítica obrigam a tomá-la a sério. A posição de um teólogo crítico, estudioso do marxismo, não é fácil de definir, pois descobre na crítica de Marx três níveis:

— crítica à Igreja enquanto instituição histórica, concreta, estabelecida. Essa crítica também foi feita ao longo da história cristã;

— crítica ao cristianismo, que foi usado como legitimação teórica e ética do mundo burguês. Muitos teólogos e o grupo “Cristãos para o socialismo” também fazem essas críticas;

— crítica à religião mágica: que considera o mundo sobrenatural como objetivação e materialização das aspirações não-realizadas do homem. Essa concepção também foi objeto da crítica cristã. A idéia de um Deus paternalista, com seu céu, seu inferno e seus apêndices artificiais na vida do homem, foi criticada por Feuerbach, mas também por teólogos como Bultmann, a Teologia da Morte de Deus etc.

Essa crítica tem por alvo não a religião; seu objetivo é construir a revolução. Ela não é anticristã. As etapas seguintes à emancipação humana dirão por si mesmas se a religião é um fato banal ou não. No momento atual, o importante é a remoção das bases e pressupostos da opressão: esse deve ser o compromisso dos cristãos.

(In *Sobre la religión*, de Marx e Engels, introduzida por Hugo Assmann e Reyes Mate)

2. Fidel e a religião

• Cristãos e marxistas são companheiros *estratégicos* na caminhada de libertação da América Latina. Somos companheiros desde o começo até o fim. Se eu tivesse dito que somos companheiros *táticos*, eu lhe estaria dizendo: eu me aproveito de você num determinado momento da caminhada e, no fim, eu mando você às favas. Mas, quando eu digo que considero você como companheiro estratégico, é que você está com os mesmos objetivos que eu.

(Depoimento de Paulo Freire sobre encontro com Fidel)

• Eu poderia definir a Igreja da Libertação ou a Teologia da Libertação como um reencontro do cristianismo com suas raízes, com a sua história mais bonita, mais atraente, mais heróica e mais gloriosa e de uma maneira tão importante que obrigaria toda a esquerda da América Latina a considerar esse como um dos acontecimentos mais fundamentais que ocorreram em nossa época. Sobretudo porque priva os exploradores, os conquistadores, os opressores, os interventores e os saqueadores de nossos po-

vos, os que nos mantêm na ignorância, nas enfermidades, na miséria, do instrumento certamente mais precioso com que podiam contar para confundir as massas, enganá-las, aliená-las e conservá-las sob exploração.

(In *Fidel e a religião*, de frei Betto)

3. *Imagine*

John Lennon

Imagine que não há paraíso
Isso é fácil se você tentar
(pensar) que não existe
inferno abaixo de nós
Acima de nós, só o firmamento
Imagine todo mundo
Vivendo só o aqui e o agora

Imagine que não existem (mais) países
Não é difícil fazê-lo
Nenhuma razão para matar ou morrer
E nenhuma religião também
Imagine todo mundo
Vivendo a vida em paz

Você pode dizer que sou um sonhador
Mas não sou o único
Espero que algum dia
você se junte a nós
E o mundo (todo)
passará a ser uma coisa só

Imagine que não existe mais
propriedade
Gostaria de saber se você consegue
Sem necessidade de ganância nem fome
Uma humanidade toda irmã
Imagine todo mundo
Partilhando o mundo inteiro

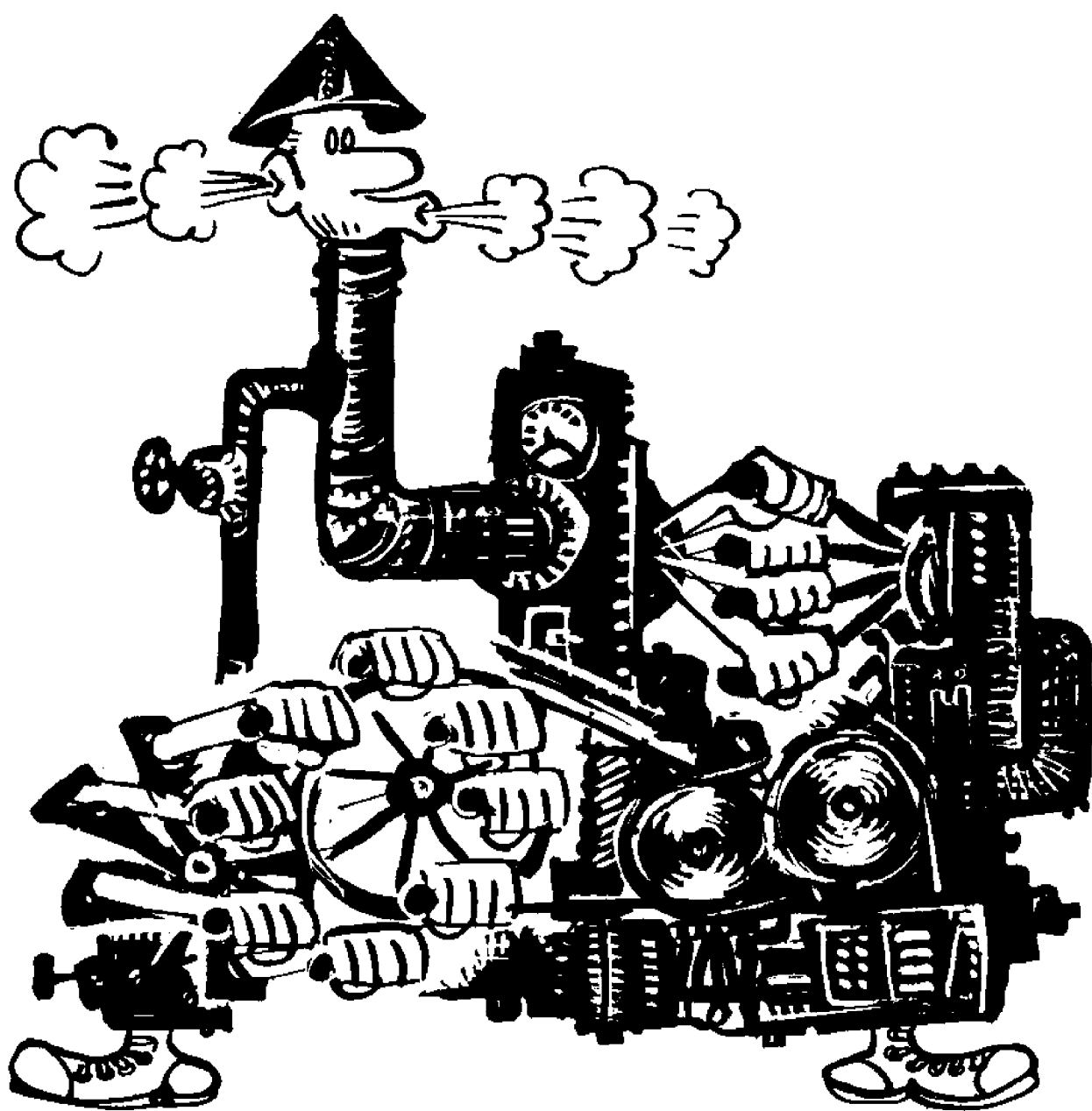
4. *Sonho impossível*

Chico Buarque

Sonhar, mais um sonho
impossível
Lutar quando é fácil ceder
Vencer o inimigo invencível
Negar quando a regra é vender
Sofrer a tortura implacável
Romper a incabível prisão
Voar num limite improvável
Tocar o inacessível chão
É minha lei
É minha questão
Virar esse mundo
Crivar esse chão
Não importa saber
Se é terrível demais
Quantas guerras
terei de vencer
Por um pouco de paz
E amanhã
Se esse chão que eu beijei
For meu leito e perdão
Vou saber que valeu
Delirar e morrer de paixão
E assim,
Seja lá como for,
Vai ter fim
A infinita aflição
E o mundo
Vai ver uma flor
Brotar
do impossível chão

Capítulo 4

Degradação do trabalho



Alienação

Depois de estudar a filosofia de Hegel, a Economia Política clássica e tomar contato com as experiências utópicas, Marx começou a analisar detalhadamente o capitalismo no país onde estava mais desenvolvido: a Inglaterra. Suas anotações acerca dos autores que estudava e dos fatos que analisava foram reunidas sob o título de *Manuscritos econômico-filosóficos*, escritos em 1844 e publicados bem mais tarde, em 1931. Nos *Manuscritos*, o filósofo desenvolve sua teoria da alienação, a partir da análise do trabalho.

Diferentemente dos animais — guiados pelos instintos naturais — o homem domina as forças da natureza, de acordo com sua necessidade e vontade, através do trabalho. O ser humano se serve de instrumentos para aumentar esse domínio; com isso, amplia sua capacidade de transformar o mundo físico e as relações entre seus semelhantes. Segundo Marx, o trabalho é uma atividade pela qual o homem transforma o mundo e a si próprio. A partir do Neolítico, os homens começaram a se fixar em locais mais adequados à agricultura, e algumas pessoas mais fortes passaram a se apoderar da sobra das colheitas e ter meios de explorar o trabalho dos outros homens.

No seu tempo, Marx verificou que o trabalho assumiu características desumanas, porque os trabalhadores não se realizam como pessoas em suas atividades profissionais. Na indústria moderna, o trabalho oprime e reduz o trabalhador à situação de animal de carga. O produto de sua tarefa não beneficia o trabalhador e sim o patrão, que é o dono do capital, que concentra riquezas cada vez maiores.

O capitalista é aquele que possui crédito, máquinas, matéria-prima, necessários à produção e usados com o objetivo de aumentar os lucros. Já o trabalhador, de seu, só tem a força para trabalhar, que ele “vende” em troca de um salário. Essa venda é vantajosa para o capitalista, que não tem urgência de comprar o único produto que o operário tem para vender. Assim, o patrão pode negociar a força de trabalho do empregado pelo preço mais baixo possível. Já o operário e sua família precisam comer *hoje* e por isso ele tem urgência de vender *sua* mercadoria (sua força para trabalhar). A necessidade do trabalhador em conseguir dinheiro é infinitamente mais premente do que a necessidade do capitalista em conseguir dinheiro para manter suas máquinas, para comprar matéria-prima.

Toda essa situação caracteriza a *alienação*. Alienar-se quer dizer separar-se (de si mesmo, do produto do seu trabalho), tornar-se estranho, viver passivamente, como objeto. A alienação começa quando o objeto que o trabalhador produz passa a ser fonte de lucro para outra pessoa, deixando de ser um meio de subsistência direta e uma forma de enriquecimento da personalidade para ele.

Dentro das fábricas, por exemplo, a alienação se aprofunda com a divisão da tarefa em parcelas cada vez mais simples, em gestos cada vez mais mecânicos. Ao executar seu “trabalho em migalhas”, o trabalhador não reconhece a própria marca no objeto que produz, tornado um ser estranho, uma força independente. Além disso, pressionados para “dar produção” acelerada, os trabalhadores são afastados uns dos outros, ficando, também eles, estranhos entre si. A alienação igualmente se verifica no campo familiar, escolar, religioso, político e artístico.



As condições desumanas de trabalho foram descritas por Marx em *O capital*, onde ele cita os relatórios — os “livros azuis” — feitos pelos inspetores de fábricas, instituídos pelo próprio governo inglês.

Essa situação foi apontada em 1863 por um médico que dizia estarem os trabalhadores degenerados, física e moralmente:

São em regra franzinos, de má constituição física e freqüentemente têm o tórax deformado. Envelhecem prematuramente e vivem pouco, fleumáticos e anêmicos, patenteiam a fraqueza de sua constituição através de contínuos ataques de dispepsia, perturbações hepáticas e renais e reumatismo. Estão especialmente sujeitos a doenças do peito, pneumonia, tísica, bronquite e asma. Sofrem de uma forma peculiar desta última, conhecida pelo nome de asma de oleiro, ou tísica de oleiro. Mais de 2/3 deles sofrem de escrofulose, que ataca as amígdalas, ossos ou outras partes do corpo. A degenerescência da produção deste distrito não é muito maior exclusivamente porque ocorre recrutamento de pessoas de zonas adjacentes.

Esse depoimento se encontra na página 278 do primeiro volume da edição brasileira de *O capital*. Na página seguinte, Marx observa que, em uma fábrica de fósforos da Escócia:

a metade dos trabalhadores são meninos com menos de 13 anos e adolescentes com menos de 18. Essa indústria é tão insalubre, repugnante e mal-afamada que somente a parte mais miserável da classe trabalhadora, viúvas famintas etc., cede-lhe seus filhos, crianças esfarrapadas, subnutridas, sem nunca terem freqüentado escola. Entre as testemunhas inquiridas pelo comissário White (1863), 270 tinham menos de 18 anos, 40 menos de 10, 10 apenas 8, e 5 apenas 6 anos. O dia de trabalho variava entre 12, 14 e 15 horas, com trabalho noturno, refeições irregulares, em regra no próprio local de trabalho, empestado pelo fósforo.

Assim enriqueceram os capitalistas: destruindo fisicamente os trabalhadores, desorganizando a vida social e suas famílias. A isso denominamos “capitalismo selvagem”. As situações descritas ocorreram na Europa do século passado, mas ainda hoje são dominantes nos países subdesenvolvidos na esfera do capitalismo.

Organizar-se: a volta por cima

Para Marx, o essencial para romper com a alienação seria mobilizar e organizar os trabalhadores, que ele chamava de proletários, isto é, aqueles que são tão pobres que têm apenas os filhos (ou prole). Era necessário os trabalhadores se fortalecerem para superar a divisão da sociedade em explorados e exploradores. Para isso, precisavam reunir-se em sindicatos e partidos, preparando sua ascensão ao poder.

Marx desenvolveu essa proposta política no *Manifesto do Partido Comunista*, que começa assim:

A história de todas as sociedades existentes até hoje é a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, patrão e empregado — numa palavra: opressores e oprimidos — têm permanecido em constante oposição uns aos outros, envolvidos numa guerra ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre ou por uma transformação revolucionária de toda a sociedade, ou pela destruição das duas classes em luta.

O *Manifesto* é um texto curto de quarenta páginas, com um apelo extraordinário. É ao mesmo tempo uma expressão de protesto e um programa de ação. Declara que os homens não são irmãos, porque uns exploram os outros. Os homens só se tornarão irmãos se chegarmos, através da revolução, a uma sociedade sem classes. Aqueles que resumiram sua vida ao lucro retirado de outros homens destruíram a solidariedade. Unidos, os trabalhadores poderiam estabelecer a justiça e a fraternidade no mundo.

Analisando o desenvolvimento social da humanidade, o *Manifesto* mostra como, sobretudo a partir do século XV, a própria burguesia começou a lutar contra os senhores feudais para, através da revolução (Revolução Gloriosa, na Inglaterra, e Revolução Francesa), impor seu modo de encarar o ser humano, o mundo e sua maneira de viver: o capitalismo.

No seu interior, o capitalismo criou uma força antagônica tão forte quanto ele próprio: as forças produtivas modernas. O proletariado entra em choque com o sistema que o criou, almejando implantar um sistema novo, baseado na distribuição igualitária dos meios de produção, como as empresas e a terra. Os trabalhadores organizados não pretendiam abolir a propriedade pessoal e privada dos objetos destinados ao bem-estar individual e de trabalho, mas desfazer o controle de umas poucas pessoas sobre os instrumentos para se produzirem coisas e serviços, isto é, os grandes meios de produção social: “O comunismo não retira a ninguém o poder de apropriar-se de sua parte da produção social. Apenas suprime o poder de, por meio dessa apropriação, explorar o trabalho alheio”.

O *Manifesto* termina com um apelo:

Que as classes dominantes tremam diante de uma revolução comunista. Os proletários nada têm a perder, a não ser as suas correntes. Têm um mundo a ganhar. Proletários de todo o mundo, uni-vos!

Logo após a publicação do *Manifesto* foram criados partidos comunistas em diversos países da Europa. Aos poucos, os trabalhadores sentiram a necessidade de se unir em todo o mundo contra a exploração que os transforma em objeto. Dessa organização nasceu, em setembro de 1864, a Associação Internacional de Partidos Comunistas, ou a Internacional Comunista. Na sua base estava a descoberta dos operários, de vários países europeus, de que seus problemas, e também seus inimigos, eram comuns.

Foi Marx quem redigiu o anteprojeto dos estatutos da Internacional, onde colocava suas idéias sobre a emancipação dos trabalhadores.



Vamos Refletir

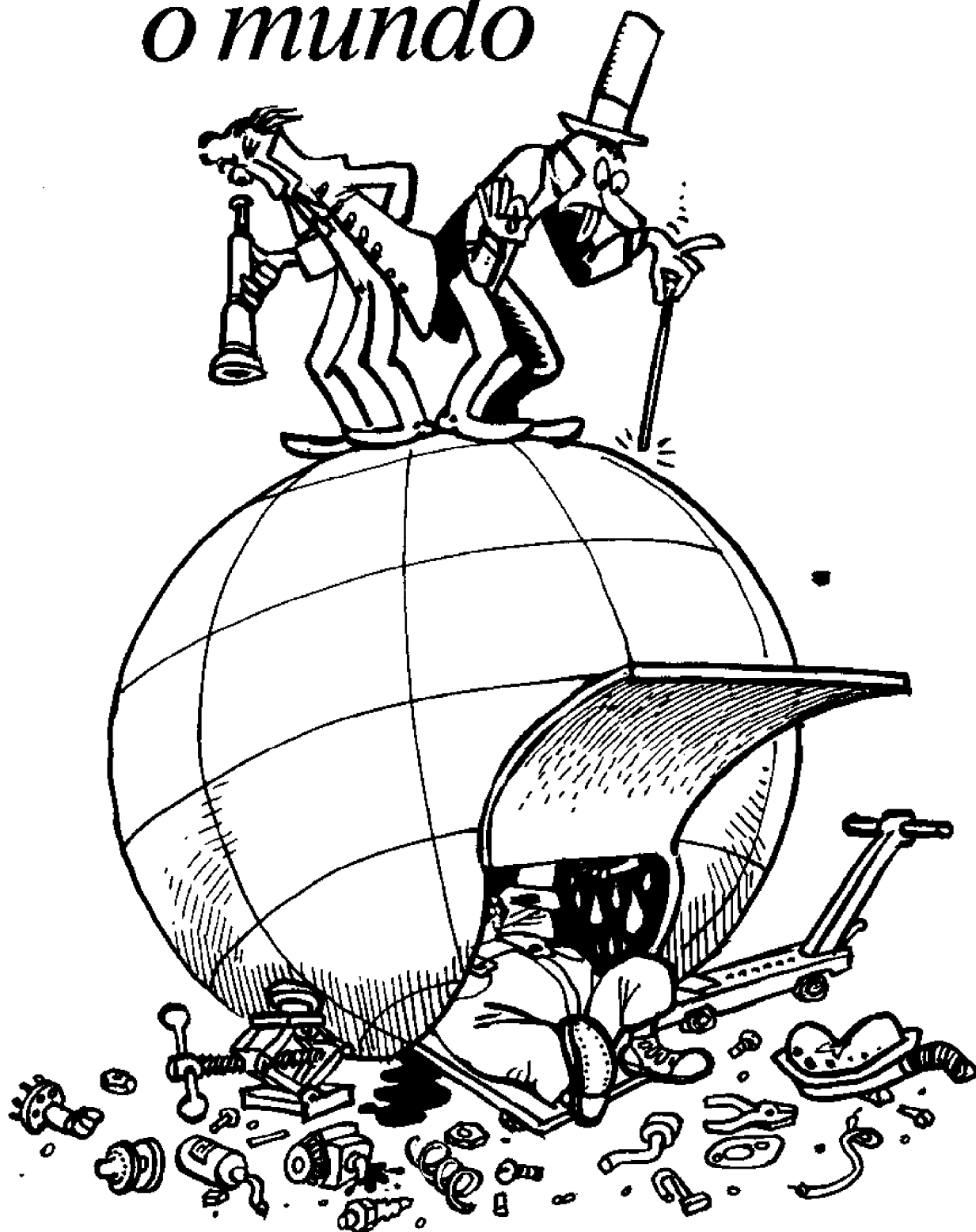
1. Comente: “Se as circunstâncias produzem os homens, é preciso tornar mais humanas as circunstâncias”.
2. Até que ponto a alienação transforma o ser humano em coisa? Identifique no seu cotidiano situações de alienação.
3. Quais são as manifestações mais evidentes de conflitos entre as classes no Brasil? Quais as formas de luta usadas hoje pelas organizações populares para enfrentar seus problemas?

Propostas de Atividade

1. Fazer uma pesquisa sobre deformações físicas e mentais provocadas pelo exercício da profissão (fontes: sindicatos e arquivos de jornal).
2. Entrevistar jovens trabalhadores acerca de:
 - seu ritmo de trabalho;
 - o que espera da vida;
 - relação com a chefia e com os companheiros;
 - formas de lazer.
 - Com os resultados, montar um *esquete*: “24 horas na vida de um jovem trabalhador”.
3. Assistir aos filmes/vídeos: *A classe operária vai ao paraíso*; *O homem que virou suco*; *Sargento Getúlio*, analisando, por exemplo, a alienação do trabalho; organização e resistência do trabalhador.
4. Comente *Construção e O operário em construção* (p. 63-67 do livro *Platão, ousar a utopia*, desta coleção).
5. *Atividade interdisciplinar*
Pesquisa histórica sobre a atuação das elites e a das organizações populares na história do Brasil.

Capítulo 5

Transformar o mundo



Existe ou não uma filosofia de Marx?

Essa pergunta já recebeu variadas respostas. Para alguns, a obra de Marx é uma teoria da revolução aplicada à análise do capitalismo. Para outros, é uma filosofia que analisa a Economia. Existem ainda aqueles que afirmam ser *O capital* um tratado de Economia, com uma visão filosófica. A variedade de abordagens é sinal de quanto a obra de Marx é complexa.

Nos livros do nosso filósofo se entrelaçam filosofia, ciência econômica e política. Marx não tem a pretensão de fazer uma filosofia “pura”, separada da história e da cultura das sociedades. Ele criticava os filósofos que até então pensavam apenas em dar uma explicação sobre o mundo, em interpretá-lo. A única filosofia que Marx aceitava era aquela que conduzia a uma atuação prática. Os filósofos burgueses, dizia, preferiam encerrar-se em idéias abstratas, metafísicas, e sempre tiveram muito medo de associar sua teoria à prática. Por isso esses filósofos não aceitavam Marx, nem como filósofo nem como um educador de uma ação política e libertadora. Procuraram reduzi-lo apenas a uma dimensão de técnico em Economia ou de ativista político.

Analisando a história do pensamento, Marx demonstrou que, ao contrário do que defendiam os metafísicos, a filosofia sempre esteve associada à vivência das classes sociais em conflito. Desta forma, dizia, as idéias dominantes de uma época representam sempre as idéias da classe que domina economicamente aquela sociedade. A filosofia é, a nível das teorias, uma manifestação de conflito entre classes no interior de uma sociedade. Para Marx, a filosofia nunca é “neutra”, “pura”; ela está ligada a interesses políticos e econômicos. Essa é uma noção tipicamente marxista. As análises de Marx demonstram que existe uma relação en-

tre teoria e prática, que a filosofia prepara para a ação e só na história atinge sua dimensão real. Isso não quer dizer que antes de Marx a filosofia não fosse prática, mas essa dimensão era disfarçada, negada.

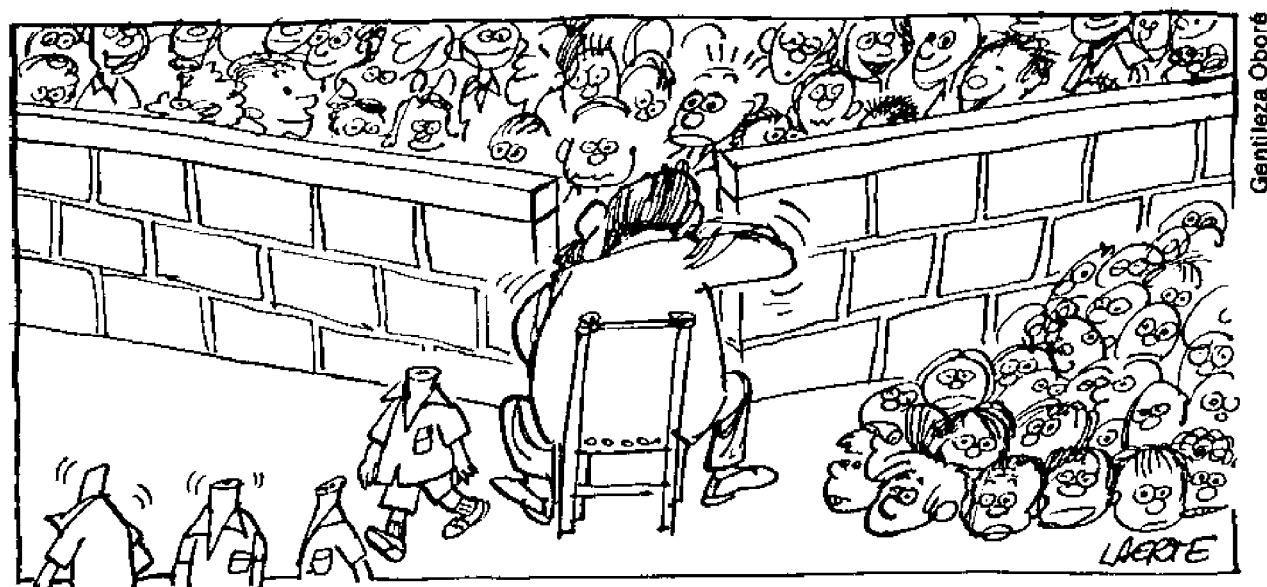
Então, o que é filosofia?

Filosofar significa refletir. Não é qualquer tipo de reflexão, mas sim uma atividade intelectual organizada, dotada de regras próprias. Uma reflexão que permite compreender o mundo sem ingenuidade. Por isso, a filosofia deve ser entendida como uma ferramenta para interpretar e mudar o mundo. Ela deve ser capaz de sempre interrogar, sempre desconfiar. Mas nem sempre isso acontece: existe um tipo de *filosofia dogmática* (dogma = verdade que se apresenta como indiscutível), que não se pergunta sobre nada, proclamando já ter resposta para tudo. Esse dogmatismo esconde o dinamismo, as tensões e conflitos da sociedade, para que tudo permaneça como está: quem explora que continue explorando, e quem é explorado que se conforme.

O ideal do dogmatismo é atingir a objetividade absoluta, a verdade igual para todos os homens (mesmo que façam parte de classes sociais ou épocas diferentes). Marx rejeita essa idéia, considerando-a uma ilusão. Ele não pretende estabelecer uma ciência pura, ou uma filosofia pura. Ele procura mostrar como toda ciência e filosofia são “impuras”, como se misturam na História com a política, com os interesses humanos.

Essa filosofia dogmática é bastante divulgada no cinema, na TV, em livros (didáticos, inclusive), nas famílias e nas igrejas. Quantas vezes tentaram nos ensinar que só é pobre quem é preguiçoso, que a Justiça é igual para todos, que para subir na vida basta trabalhar, que somos um povo cordial e um país pacífico (onde não existe tortura nem discriminação social)?

Cabe a uma filosofia crítica desmascarar essas idéias distorcidas da realidade, que nos bombardeiam cotidianamente. Na história do pensamento sempre foi colocada uma questão: “O pensamento atinge a verdade?”. Pois para Marx essa questão, longe de ser teórica, tem um signi-



ficado muito concreto. É na prática humana coletiva, na experiência das sociedades, que o homem tem de demonstrar, e construir, a verdade. Por outro lado, Marx não supervalorizou a prática negando a teoria. Ele entendia que, sempre provisória, a verdade é alcançada através da prática e da reflexão teórica sobre essa prática.

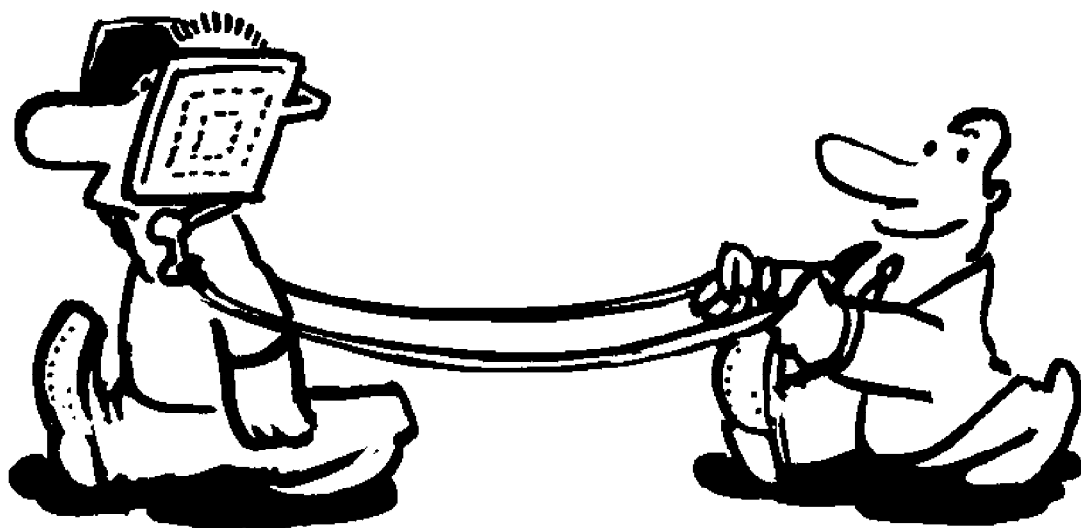
Para que a filosofia cumpra esse papel de desmascarar, de denunciar, é preciso que ela nos ajude a problematizar a realidade, mesmo que ela se apresente como “natural”, “evidente”. Quando a filosofia não busca as causas, os processos de “fabricação” das certezas, ela se torna ideologia. Mas...

E o que é ideologia?

Marx utiliza a palavra *ideologia* no sentido de mentira, interesse, ocultação e mistificação. No entanto esses não são os únicos significados do termo. Ideologia também pode ser entendida como:

- a doutrina de um partido político ou do governo;
- sistema de idéias que motivam para a ação (por exemplo: a ideologia liberal, que influenciou a Revolução Francesa);
- “ilusão”, “fantasmagoria”. Aqui, a ideologia é usada para enganar os outros e tirar proveito da sua ignorância (por exem-

plo: algumas religiões dizem que são bons o sofrimento nesta vida e a exploração que o causa, porque fazem merecer o céu).



Este é o significado mais freqüente em Marx:

- conjunto de idéias referentes a uma interpretação da História e do mundo, como é e como deveria ser. Dizemos freqüentemente que existem ideologias conservadoras e ideologias progressistas, de direita e de esquerda. Neste sentido, segundo o pensador italiano *Antonio Gramsci* (1891-1937), a ideologia é a própria filosofia. Gramsci dá à ideologia o significado de “coesão social”: é através da ideologia que as pessoas se agrupam na sociedade, se “cimentam”.

No início da década de 1840, Marx e Engels elaboravam sua filosofia, preocupados em entender a origem da ideologia. Começaram com a análise das origens e do desenvolvimento do trabalho.

O trabalho permitiu que a humanidade, em seu início, desenvolvesse a capacidade de modificar a natureza, adquirindo independência diante dela. Para Marx e Engels, o trabalho é que criou a humanidade.

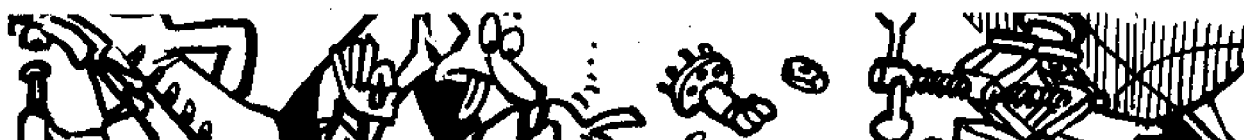
Os passos seguintes do sistema de trabalho conduziram à escravidão e, com ela, à divisão da sociedade entre os que trabalham e os que se beneficiam do esforço dos outros (é a divisão social do trabalho):

Muitos passaram a trabalhar para o proveito de poucos. Uma consequência disso tudo é que a classe dominante impôs seu ponto de vista particular sobre toda a sociedade, como se fosse um ponto de vista natural e adequado a todos os homens. Os dominadores se utilizam do poder político que se concentra no Estado para impor suas idéias, sua *ideologia*, que funciona como um disfarce da exploração. Dessa forma, a classe dominante exerce um poder político-econômico porque detém os meios de produção de mercadorias, além de um poder cultural que a torna capaz de impor sua visão de mundo particular. Assim, nasceram a propriedade privada, o Estado a serviço de uma classe e a ideologia mistificadora.

Não foi essa a posição de Marx. Para ele, o mundo é o que é porque é fruto do trabalho, ao longo da História. A própria História é fruto da maneira como é organizado, e imposto, o trabalho. Marx acrescenta que “ideologia é prática que se realiza ao longo da História”. Neste sentido, tudo o que o homem faz é História, porque é o conjunto dos produtos do trabalho humano. Por exemplo, o *rock* (ou qualquer outro estilo musical) é História, porque apareceu em determinado período do nosso século, como resultado de fatores culturais, políticos e econômicos. Neste sentido, jogar futebol, a maneira de construir casas, rezar, produzir e aplicar leis, fazer comida... tudo o que o homem faz é História e concretiza as relações e conflitos entre os grupos que integram as sociedades.



Henfil; gentileza Oboré



Vamos Refletir

1. Comente: “As idéias dominantes de uma sociedade são as idéias da sua classe dominante”.
2. Quais os dogmas, as certezas mais importantes, fabricados pela nossa cultura?
3. Como se comporta uma sociedade quando suas certezas são colocadas em dúvida ou sob suspeita?
4. Leia e debata o texto *Tio Patinhas no centro do universo* (anexo).

Propostas de Atividade

1. Nas histórias em quadrinhos (selecionar um personagem de cada vez), levantar a ideologia acerca de:
 - riqueza;
 - classes sociais;
 - hierarquia social e racial;
 - imagem do trabalhador;
 - papel da mulher e do jovem.
 - Essa pesquisa também pode ser feita sobre outros produtos culturais (como propaganda, programas de TV, cinema, imagens religiosas, nomes de ruas da cidade, nomes de estações do metrô).
2. Entrevistar um cientista sobre: “Existe ciência pura? Até que ponto as empresas ou o mercado interferem nas pesquisas?”
3. Ver e discutir filmes/vídeos sobre a questão do dogmatismo: *Galileu Galilei*; *Giordano Bruno*; *O homem de Kiev*; *Pai patrão*.
4. Leituras complementares
 - *Apocalípticos e integrados*, de Umberto Eco.
 - *O que é ideologia*, de Marilena Chauí.

Anexo

Tio Patinhas no centro do universo

José de Souza Martins

(...) *Tio Patinhas*, além das suas excentricidades de rico, tem parentes, amigos e inimigos. Cada um, possuído por suas próprias características, só consegue definir-se, no entanto, contrapontando com ele. *Patinhas* é o único personagem que serve de referência na definição e constituição de todos os outros.

Donald, seu sobrinho, vem primeiro na lista dos circunstantes. Um dos herdeiros da fortuna de *Patinhas*, persegue dolorosamente a existência anômala de rico potencial, cuja existência oscila entre o desemprego e os empregos que o tio lhe oferece. Quando empregado pelo tio, vive, entre irado e apavorado, as humilhações que aquele o faz sofrer, desde o salário miserável até as artimanhas e engenhos utilizados para mantê-lo desperto e ativo conforme as expectativas do patrão. Sua humilhação é maior porque o delírio acumulativista de dinheiro do tio transforma-o numa das peças de um sistema de produzir riquezas, cujo caráter espoliativo consegue perceber, mas do qual se conforma para não ser deserdado. Excluído dos benefícios da riqueza que ajuda a crescer, com ela se compromete, como se por antecipação fosse a sua. Vive o sonho de desfrutar a riqueza que na realidade lhe é vedada.

Seu drama é imenso. É pai sem ter filhos. *Huguinho*, *Zezinho* e *Luisinho*, os três sobrinhos, representam para ele um encargo paterno e um pesadelo. Podem acompanhar de modo adulto toda incompetência de *Donald* para o desempenho da maior parte das atividades a que o obrigam as circunstâncias, no emprego ou em casa. Sua determinação de vencer, a desesperada necessidade de ser capaz de corresponder às expectativas inflexíveis de *Patinhas* impedem-no de reconhecer-se incapacitado, bem como o impedem de aceitar sugestões e auxílios dos três sobrinhos. É na interferência dos três que se apóia a maior parte das vitórias de *Donald*. São eles que, depreciando-o ainda mais, de fato se realizam segundo as regras de *Patinhas*.

Embora os três sobrinhos correspondam melhor às esperanças de *Patinhas* do que *Donald*, eles não repetem o modo de ser, as táticas, as intenções, os recursos do tio senil. São de uma geração de tecnocratas, para os quais não é viável o projeto de enriquecimento pessoal pelo trabalho, pela sorte e pela astúcia. Por isso, agem desordenadamente. Nunca cada um deles é senhor de um pensamento completo. No mais das vezes cada um se limita a emitir uma única palavra que se junta à palavra do outro e à do outro até que surja uma sentença e uma idéia. Estão articulados entre si como peças ajustadas de um mecanismo rigoroso. Eles têm o que falta a *Donald* — apenas os pedaços das idéias — enquanto *Donald* tem o que já é obsoleto — as idéias por inteiro. Isso seria paradoxal, em se tratando de idéias, se para eles o pensamento e a inspiração não fossem objetivamente determinados. Para toda nova situação não há uma

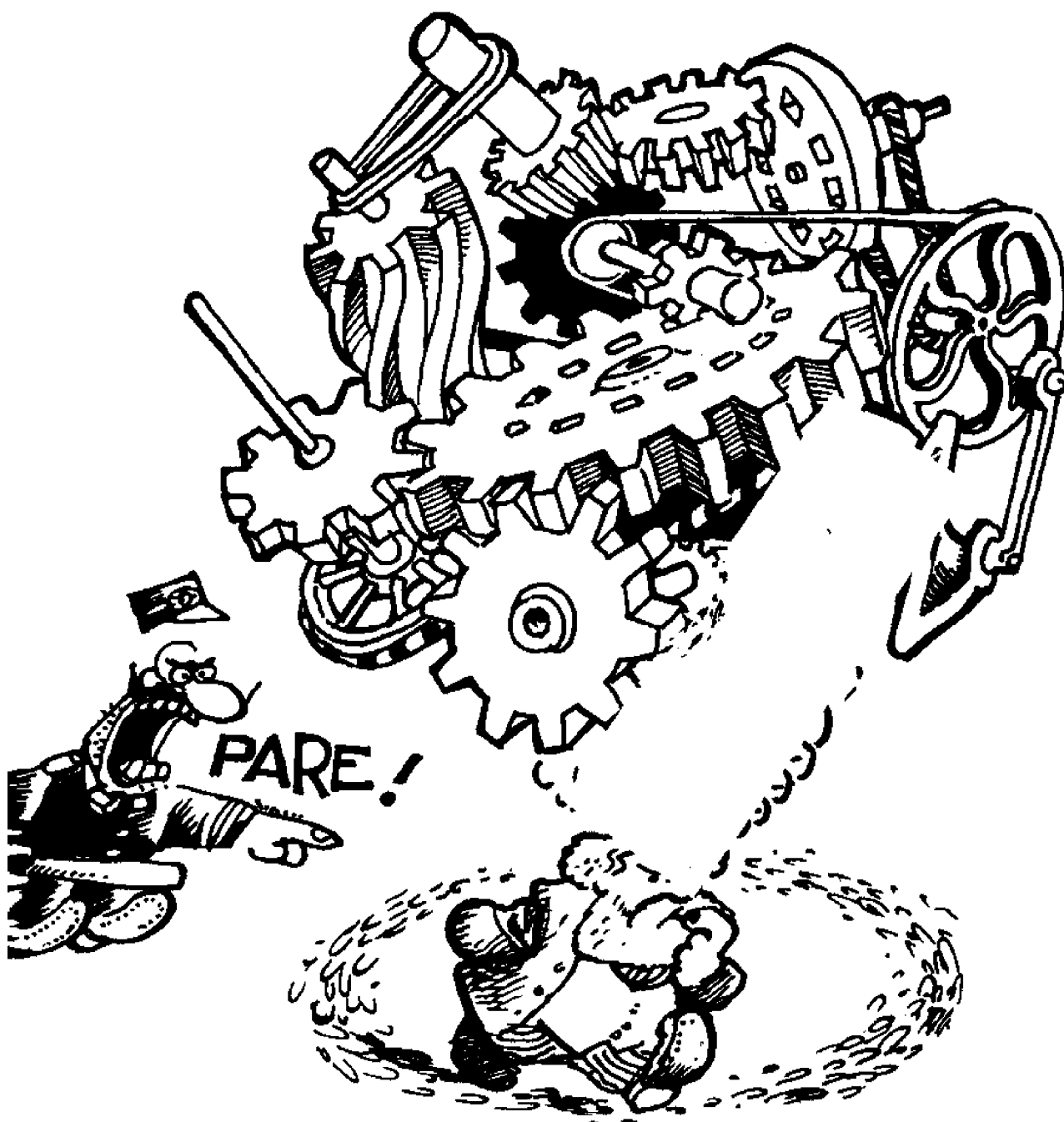
idéia nova: há o “Manual do escoteiro”, fonte inesgotável de informações que cobre todo o saber possível e do qual se pode receber qualquer resposta ou dado com rapidez, como se viesse de um computador. Para eles a situação é clara: não existem para repetir individualizadamente as mesmas palavras, os mesmos gestos e os mesmos atos que criam o universo de Patinhas. Não nasceram para produzir o universo, mas para reproduzi-lo.

É aí que representam um pesadelo para Donald, pois este é compelido a repetir sozinho palavras, gestos e atos do criador — Patinhas — sem efeito algum. Seus ataques de ira são indicativos de uma incapacidade fundamental para entender por que a sua atividade é estéril. É que sua condição de herdeiro obscurece sua condição de trabalhador. Não está entre os deserdados da terra. Não pode ver na riqueza o produto do trabalho, inclusive do seu trabalho, porque ela constitui a massa de bens que espera receber e que é totalmente desproporcional à sua pequena participação na tarefa de produzi-la. Não pode ver-se na condição de explorado porque se vê na de beneficiário da exploração. Por isso, sua indignação é sempre justificadamente uma indignação pessoal, escoada para o nível da irritação descontrolada. Essa é a articulação adequada para transformar o pesadelo de Donald-trabalhador e Donald-desempregado em irritação cômica, em atividade comicamente desastrada.

(...) Gastão é dotado de um dom: ele tem sorte, que lhe é dada por infalível *pé-de-coelho*, desde que o tenha sempre consigo. Para ele, tudo se resolve graças aos eflúvios desse talismã, suporte externo que legitima seu modo de ganhar a vida e até a futura herança de parte da riqueza de Patinhas. O talismã tem aí uma importância muito grande, pois Patinhas também tem o seu — a *moedinha n.º 1*. A presença desse componente mágico no universo de Patinhas constitui como que a fonte de um direito natural, o direito de enriquecer. Já que todos trabalham — Donald trabalha, Huguinho, Zezinho e Luisinho trabalham e vários outros membros do universo trabalham — é preciso explicar por que uns têm riqueza e outros não têm. Esse componente mágico institui uma diferenciação interna fundamental no universo de Patinhas: há os predeterminados e escolhidos, cujos talentos se multiplicam, e há os demais, que não são bons nem fiéis, de tal modo que misteriosa entidade sobrenatural neles não confia. A sorte representa, portanto, um chamamento mágico, apoiado em símbolos externos. Com isso, nem Gastão nem Patinhas parecem senhores de si mesmos, pois ambos estão subjugados pelos objetos mágicos que lhes garantem a sorte e a riqueza. Dessa maneira a excepcional riqueza de Patinhas torna-se legítima em face, por exemplo, da modesta existência de Donald. O componente mágico instaura a ordem do universo, pois, do contrário, o pato Donald subversivamente declararia guerra a seu tio, dando estrutura e direção à sua irritação perene. (...)

Capítulo 6

Dialética: a filosofia de Marx



Para Marx, a História sempre se aperfeiçoa, em constante movimento. O motor desse movimento é a contradição que existe em tudo: fenômenos, coisas ou processos. *Contradição* não é uma simples oposição, como entre preto e branco. A contradição faz com que tudo sofra mudanças profundas. Uma semente, por exemplo, torna-se planta por força de uma contradição interna (para continuar vivendo, a semente precisa transformar-se, negar-se como semente para realizar-se na árvore). As coisas não estão congeladas. Já os filósofos “metafísicos” não aceitam que os seres estão em constante movimento, alternando suas características. Para os metafísicos, a transformação é apenas aparente. Sua análise toma cada ser em separado e só depois imagina que relações poderia haver entre os seres. Para Marx, a realidade é um conjunto de relações: tudo se relaciona a tudo.

Nosso filósofo aprendeu de Hegel que as coisas estão em constante movimento transformador. Só que, para Hegel, esse movimento do real existia apenas nas idéias. Marx, ao contrário, entendia que, ao longo do processo da História, o movimento sempre cria algo novo sobre a face da Terra. Todos os seres, entrosados uns com os outros, estão em perpétua mudança.

Toda a reflexão filosófica de Marx procura explicar a transformação. Como ela ocorre concretamente? Marx adotava o nome de *dialética* para a filosofia que explica a realidade em movimento.

A palavra “dialética” teve vários sentidos ao longo da História — para Heráclito de Éfeso, que viveu na Grécia do século V a.C., a realidade é um constante movimento onde prevalece a luta dos opostos (quente x frio; vida x morte; saúde x doença; bem x mal etc.), que, ao mesmo tempo em que se opõem, constroem novos seres;

— para Parmênides de Eléa, contemporâneo de Heráclito, tudo era imutável: o movimento é uma ilusão. Não existia a dialética;

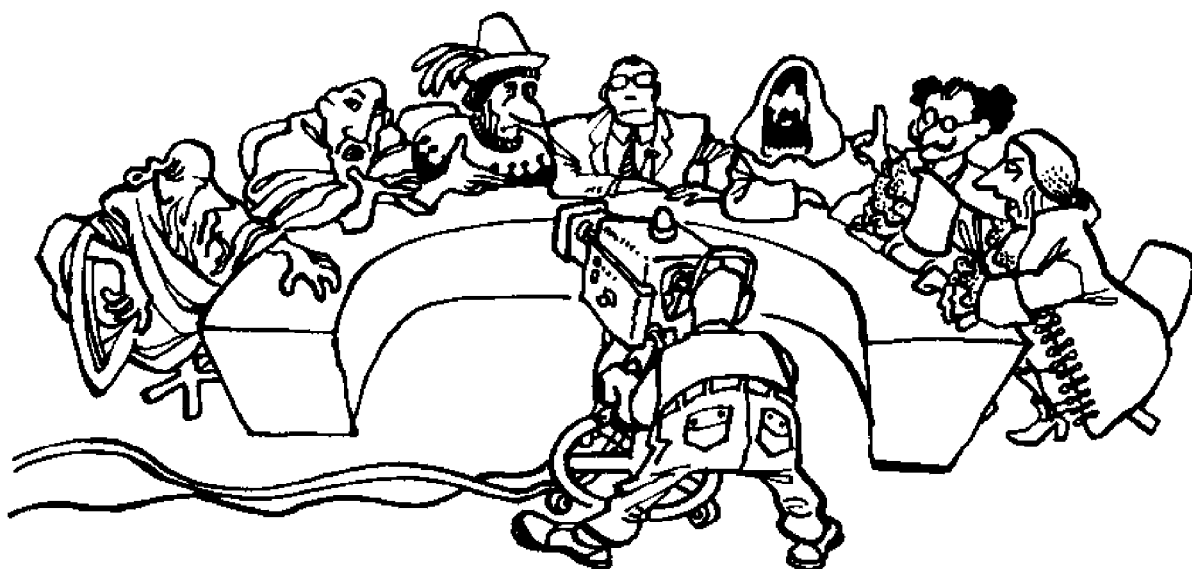
— para Platão, dialética era o método de pensar, que partia da multiplicidade das coisas dispersas para agrupá-las sob uma única idéia, clara e perfeita. Depois de atingir essa idéia única, a dialética verifica como ela se concretiza em cada ser particular;

— para Aristóteles (século IV a.C.), a dialética era apenas uma forma de confrontar as opiniões. Não era considerada um método para se atingir a verdade;

— na Idade Média, a dialética era considerada uma arte de argumentar e expor opiniões;

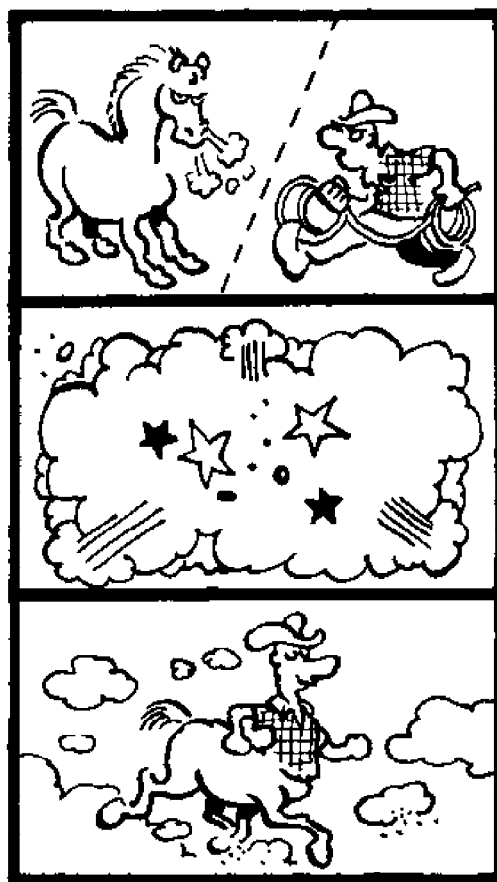
— no início da Idade Moderna, a visão sobre a dialética evoluiu com o método, proposto por Descartes (1596-1650), de analisar um objeto ou acontecimento para se chegar aos elementos mais simples que o compõem. Num momento seguinte, faz-se uma síntese, que reconstitui esse conjunto de forma mais organizada.

Hegel retoma de Heráclito a idéia de “luta e unidade dos opostos”. Para o filósofo alemão, a História nasce da sucessão das idéias, através do embate entre os aspectos opostos dessas idéias, isto é, suas contradições. Para Hegel, a contradição é o motor do pensamento e, consequentemente, é o motor da História. A História é o pensamento que se concretiza. O pensamento não é estático: ele se processa por contradições que são superadas e substituídas por novas contradições e assim por diante.



Para Hegel, a dialética se realiza segundo um conjunto de três elementos inter-relacionados (chamados de “triade”):

- **tese:** afirmação de uma idéia;
- **antítese:** a negação da tese (afirmação de uma idéia oposta, mas relacionada à tese);
- **síntese:** negação da antítese, ou “negação da negação”. A síntese se constitui numa nova tese, e assim por diante. Para Hegel, a síntese é sempre um avanço; ela não aniquila as fases anteriores, mas aproveita seus elementos essenciais.



“Negação”, para Hegel, não significa aniquilamento, mas superação. Entre as etapas da triade, existe unidade e oposição de contrários. O filósofo ensina que a dialética é um processo pelo qual as condições atuais existem em tensão com as próximas etapas da transformação. Hegel diz que “o presente é pai do futuro”. O futuro existe *já*, como possibilidade: se não for possível hoje, não existirá nunca.

Marx e Engels aplicaram a teoria hegeliana da História à realidade social:

- tese: sociedade burguesa, exploradora;
- antítese: classe trabalhadora, explorada pela burguesia;
- síntese: sociedade comunista, resultado do conflito entre a tese e a antítese e da integração entre seus aspectos essenciais (vivência da livre iniciativa com a igualdade fundamental de *todos* os direitos).

Para entendermos melhor a relação dialética, vamos dar alguns exemplos tirados do cotidiano:

- **T:** Paula, uma mulher ativa, mas um pouco dinâmica demais.
- **A:** Bebeto, reflexivo, sensível, embora tímido (Bebeto “nega” (não é) Paula, mas com ela mantém relacionamento).

• S: o par Paula-Bebeto (uma relação em que os dois formam uma nova unidade em que o dinamismo se complementa com a sensibilidade. “Qualquer maneira de amor vale a pena”, dizia o poeta).

T: João, vivendo uma infância despreocupada, na base da confiança que tem nos pais.

A: João, que chega à adolescência, nega a antiga dependência e começa a assumir os desafios de um mundo que se abre.

S: o jovem João, que conquista a tranquilidade, na base da confiança que tem em si, a partir da própria experiência.

O processo dialético não avança de forma automática, como um destino. É necessária a luta organizada e consciente da classe trabalhadora, a única capaz de, daqui para a frente, mudar a História. A filosofia dialética deveria servir de instrumento para os trabalhadores nessa luta organizada. Não é, portanto, uma filosofia neutra, mas engajada em uma luta de libertação. Assim, o marxismo se transformou numa força motivadora do movimento operário. Comprometida com os interesses dos trabalhadores, a filosofia de Marx estava comprometida com os interesses e com o futuro de toda a humanidade.

Marx substituiu a concepção de Hegel de que tudo se origina no pensamento, como se as idéias nada tivessem a ver com a natureza, como se tudo já estivesse pronto nas idéias e os acontecimentos não fossem produto conjunto dos processos econômicos, políticos e culturais. Para Marx, o mundo é da forma que é devido à ação transformadora do homem, através do trabalho.

O método dialético

Método é uma palavra de origem grega que significa *caminho*. O método dialético parte da idéia de que a realidade está em constante transformação, em contínuo movimento. Ele se baseia em dois tipos de elementos interligados: princípios fundamentais e categorias (noções) explicativas.

O primeiro princípio do método dialético é: **tudo se relaciona**. Nenhum fato ou idéia pode ser compreendido isoladamente: cada um des-

ses fenômenos deve ser entendido a partir de sua ligação indissolúvel com a realidade, integrada por outros fatos e idéias.

Por exemplo: um cidadão que luta pela preservação do meio ambiente. Conversa a respeito em casa, no trabalho, na escola, com os amigos, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida. Mesmo que dê essa impressão, tal indivíduo não está só. Sua iniciativa participa de uma luta mundial. Há uma reciprocidade nessas iniciativas, mesmo que à primeira vista essa relação não seja percebida. São como elos de uma corrente, em que tudo se relaciona.

Para compreender melhor esse princípio, vamos usar a categoria de **totalidade**. Os fatos que acontecem no mundo são parte de um todo, são aspectos parciais de uma realidade totalizante. Por isso, ao se empenhar na solução de qualquer problema (seja social, seja individual), o ser humano precisa ter uma visão de conjunto. É a partir dessa visão geral que se pode avaliar a importância de cada elemento que compõe o todo. No entanto a totalidade é mais ampla do que a simples soma das partes que a constituem: os elementos individuais assumem características que não teriam se estivessem fora do conjunto.

Assim, a queimada da vegetação de um terreno ganha sua dimensão real se considerarmos que muitos agricultores estão fazendo o mesmo, o que caracteriza uma generalizada agressão ao ambiente natural, aumenta o “efeito estufa” (elevação da temperatura da Terra).

Entenderemos que o todo é maior que a soma das partes se considerarmos que não pode existir pai sem filho (não são apenas *duas pessoas*) ou escravo sem senhor. A totalidade “professor/alunos” é maior do que se ambos os elementos estivessem separados. Quando eles estão juntos, há uma dinâmica de aprendizagem. Na natureza ocorre a mesma coisa: uma laranja no pé é diferente da simples justaposição da casca e seus gomos. Também uma mão, se decepada, ainda é uma mão: mas ela é essencialmente diferente de quando estava unida ao corpo.

Para se perceber o que ocorre no mundo como uma totalidade, é preciso ultrapassar as aparências imediatamente visíveis para se fazer uma leitura do “dentro” da realidade. Foi o que fizemos no início deste livro, vendo o que há por trás da luta entre Rocky e Drago. Para fazer esse tipo de leitura, usamos a categoria da **mediação**.

A realidade que nos aparece manifesta o *imediato* e oculta o *mediato*. Por exemplo: quando vejo uma cadeira, o que me aparece de imediato é o formato, as cores e materiais da cadeira; por trás disso existem mediações, que são as transformações sofridas pela matéria, o trabalho humano aí empregado. Para atingirmos uma compreensão correta de um fato ou uma idéia, temos de levar em conta as dimensões imediato/mediato, que não são separadas, mas acontecem numa unidade em que se interpenetram. Somente através da análise das mediações, da compreensão dos vários processos a que um objeto, ou uma pessoa, é submetido, é que se pode avaliar corretamente todo seu significado.



Não basta detalhar a cadeira do exemplo acima, descrevendo o veludo que a cobre, os detalhes de ouro e a estrutura de madeira de lei. É preciso também saber que ela pertenceu a determinado governante, em tal época e com intenções específicas: só depois de compreender essas mediações é que entenderemos completamente o porquê da aparência imediata daquela cadeira, daquele trono.

À medida que nos aprofundamos no conhecimento particular de um fenômeno, ou de um problema apresentado pela realidade, vamos tendo condições de pensá-lo em um sentido universal. Pensar o universal possibilita entender melhor determinada situação particular, e assim sucessivamente (lembra-se da tese-antítese-síntese?). Como consequência desse tipo de análise, temos o princípio da **ação recíproca**, entre a dimensão particular e a universal.

Se a realidade está em contínua mudança, se do desaparecimento do “velho” (fato, valor, idéia) pode germinar o “novo”, constata-se que não há sociedade, fenômeno ou valor que sejam imutáveis, permanentes. Não há submissão, exploração ou destruição que durem sempre. O regime capitalista substituiu o feudal, e o capitalismo pode ser substituído por outro regime. O sentido da mudança está sempre presente, constituindo-se como força criadora. Dessa constatação, decorre outro princípio fundamental do método dialético: **tudo se transforma**.

O marxismo não é uma receita de idéias prontas que devem ser aplicadas a situações diversas, mas percebe que tudo se transforma e que, ao mudar a realidade externa a ele, o homem também se transforma. O marxismo entende que a realidade tem a possibilidade de vir a ser o que ela ainda não é. Essa visão de mundo se baseia no aspecto de que a realidade é inacabada, e revela o conflito que existe em seu interior. Aqui temos outra categoria: a **contradição** entre aquilo que é (tese) e aquilo que ainda não é (antítese), mas poderá vir a ser (síntese). A contradição mostra que o inacabado é fundamento da transformação: ela é o princípio básico do movimento que permite aos seres existirem e modificarem-se.

Dialética é o modo de pensarmos as contradições da realidade. Elas são superadas por novas contradições, num permanente movimento de superação e substituição que faz com que a humanidade caminhe.

Essa dinâmica se percebe, por exemplo, quando estudamos. Aí notamos claramente a **unidade e luta dos contrários**: o saber e a ignorância. Ao procurarmos saber alguma coisa, superamos momentaneamente a contradição: adquirimos um saber acerca de alguma coisa. Mas em seguida nós percebemos que, conhecendo alguns assuntos, deixamos de aprender sobre outros, tomamos consciência de que ignoramos muitas outras coisas: quanto mais conhecemos, maior se torna a consciência da nossa ignorância.

Essa unidade e luta dos contrários se desenvolve no tempo. A força nova que surge, e que é criadora, se desenvolve no interior das velhas estruturas. O jovem de hoje é a mesma criança que teve oito anos, mas não são idênticos, porque o jovem se insurge contra a criança que ele mesmo foi. Supera a infância apesar de guardar em si alguns traços da criança da fase anterior. Ao mesmo tempo, o jovem de hoje prepara e desenvolve

o adulto de amanhã. Quando for adulto, será outro e se insurgirá contra o jovem que ele mesmo foi.

Já vimos que a realidade é transformação. No entanto nem todas as mudanças têm o mesmo valor; é o que demonstra o princípio da **passagem da quantidade à qualidade**. A esse respeito, Engels dá o exemplo da água: quando ela esquenta, a elevação de sua temperatura é uma mudança da quantidade de calor, que aumenta. Mas, em determinado momento, a água sofre uma transformação, passando do estado líquido para o estado gasoso: trata-se de uma mudança de qualidade. Foi uma transformação qualitativa decorrente de uma mudança quantitativa.

O princípio da passagem da quantidade à qualidade se aplica à sociedade e mostra que a História humana se transforma através de pequenas mudanças quantitativas, que se acumulam. Essa acumulação gradual não é um processo mecânico, mas supõe uma preparação e um desenvolvimento que pode ser atravessado por crises. No momento em que a sociedade faz a passagem de um estado a outro, temos o princípio do **salto qualitativo**.

Ensinando aos trabalhadores franceses, em 1935, o filósofo marxista Georges Politzer explicava como se dá o salto qualitativo:

Se forem necessários 60.223 votos para eleger um candidato, será precisamente o 60.223.º sufrágio que vai realizar o salto qualitativo, pelo qual o candidato se torna deputado. Esse salto, essa mudança rápida, súbita, foi, entretanto, preparada pela acumulação gradual e insensível de sufrágios: 1 + 1 + 1... Eis um exemplo muito simples do salto qualitativo, da mudança radical.

A dialética mostra a fecundidade do movimento interno à realidade, apresentando a unidade que existe entre contrários, que são vivos e que se convertem um no outro, como na relação entre as fases da vida de uma pessoa. Esses contrários não acontecem só na história pessoal, mas na natureza, na sociedade e na história coletiva.

O método dialético se caracteriza pelo rigor na análise e pelo vigor com que apreende os fatos. Não se devem enxergar os princípios e categorias acima como se fossem uma rígida escala, mas como instrumento que ajuda a perceber melhor o dinamismo da vida.



Vamos Refletir

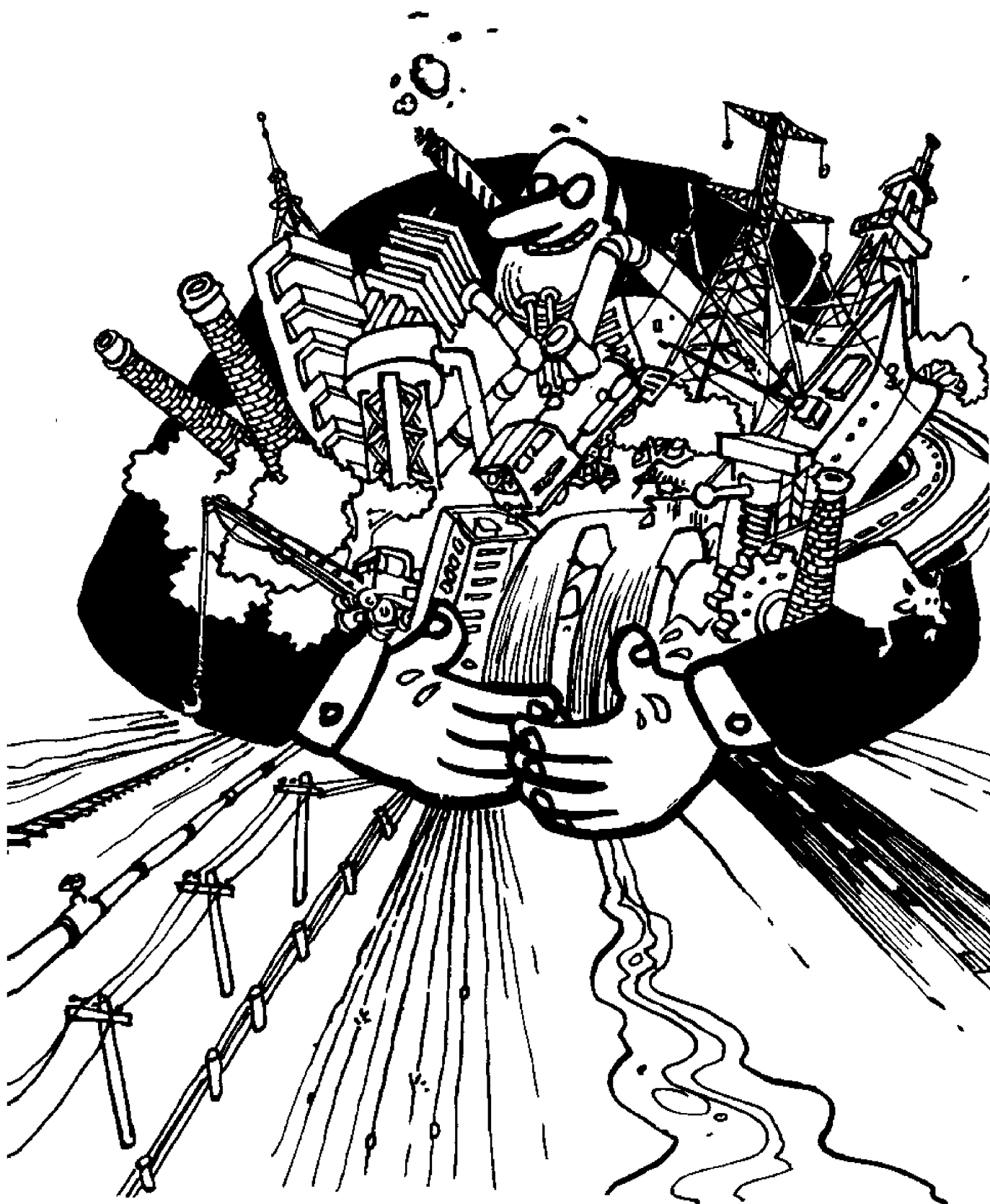
1. Dê exemplos em que o conjunto seja diferente da soma das suas partes (totalidade):
 - no esporte;
 - no trânsito;
 - nas reações da multidão;
 - na ecologia;
 - na atividade econômica.
2. Estude a relação dialética (tese-antítese-síntese) (conferir à página 58) entre:
 - cantor-público-*show*;
 - estudantes-professor-aprendizagem;
 - uma pessoa narcisista.

Propostas de Atividade

1. Descrever minuciosamente a aparência *imediate* de uma imagem qualquer (parada militar, desfile de escola de samba, pirâmides, História do Brasil, cerimônia religiosa, caricaturas). Em seguida, procurar as relações *mediatas* (as “segundas intenções” sobre hierarquia, poder, ordem etc.) que são reveladas/escondidas pela aparência.
2. Sobre a categoria de mediação, ver o texto *Sobre o óbvio* (p. 64 do livro *Descartes, a paixão pela Razão*, desta coleção).

Capítulo 7

Capital e trabalho



Além de dar novo significado à dialética, Marx fez a mesma coisa com o materialismo. Começou por criticar o materialismo de sua época, que denominou “vulgar”. Nosso filósofo não emprega a palavra “materialismo” num sentido comum, de interesse exagerado por bens materiais ou como sinônimo de egoísmo. Ao contrário, o materialismo de Marx é cheio de solidariedade, mas dentro de um significado filosófico.

Historicamente, o *materialismo* se contrapõe ao *idealismo*, o qual entende que as transformações na natureza e na História são determinadas por algo exterior a elas: um espírito, uma idéia. Já o materialismo se utiliza dos avanços das ciências e atribui à matéria uma qualidade fundamental: a capacidade de se transformar. Tudo é matéria: o espírito é matéria também, só que mais organizada, mais complexa.

A grande contribuição de Marx foi aplicar o método dialético à concepção materialista da natureza e da História. Mostrou que a matéria, além de reagir, também produz transformações qualitativas a partir das contradições existentes no seu interior.

O materialismo dialético entende que a natureza, a sociedade, a História possuem um poder criador. Dessa forma, o homem é sujeito de si mesmo e da própria história e, portanto, não necessita de um deus acima dele. Para Marx, o homem se fabrica a si mesmo através do seu trabalho. A filosofia marxista procura justamente se engajar na prática concreta de construção do ser humano. Por isso foi chamada de “filosofia da práxis” por Antonio Gramsci.

“Práxis” significa ação aliada à reflexão. Quando alguém só se envolve em reflexões e debates, temos o *verbalismo*: fala, mas nada faz. Quan-

do uma pessoa só fica agitando e agitando-se sem pensar o porquê, temos o *ativismo*. A filosofia da práxis dá valor aos dois lados da questão. Marx sempre se opôs à divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual: enquanto alguns se dedicam exclusivamente aos estudos, os demais só “pegam no pesado”. Nosso filósofo queria que todos os tipos de trabalho fossem igualmente distribuídos entre os homens.

Marx distinguia dois aspectos inseparáveis na práxis. A dimensão **produtiva** se refere ao trabalho na fábrica, no escritório, na agricultura ou na escola: trata-se da produção material da existência. A dimensão *social* é política e se verifica em toda a práxis, mas exige um grau de consciência. Para a classe trabalhadora, a práxis social só pode ser revolucionária, pois tem o objetivo de mudar as estruturas sociais, políticas e econômicas que a oprimem.

No pensamento de Marx, filosofia, ciência e prática social estão inteiramente ligadas. Isso se verifica em *O capital*, em que analisa detalhadamente as condições de trabalho sob o capitalismo, expõe suas contradições e limites. Nesse livro, Marx usa os princípios e categorias da dialética (filosofia) em uma questão econômica, para que a classe trabalhadora tenha melhores instrumentos em sua luta (prática social).

Embora os aspectos científicos e filosóficos se integrem concretamente, eles são apresentados separadamente para facilitar a compreensão. **Materialismo dialético** é a concepção filosófica do marxismo; **materialismo histórico** é sua concepção de História, sua teoria da ciência. Dentro do materialismo histórico, Marx desenvolveu algumas categorias, que foram apresentadas em *O capital*. Através delas foi possível desvendar a complexidade das relações entre a acumulação capitalista e a força de trabalho:

Valor de uso e valor de troca

O produto do trabalho humano torna-se mercadoria quando entra em relação comercial e deixa de ser apenas uma coisa útil ou valiosa. Ganha um valor de troca.

Valor de uso é a utilidade ou o significado que alguma coisa tem para uma pessoa.

Ao comprar um pão, ele tem valor de uso para mim, pois necessito dele para alimentar-me. Para o padreiro, o mesmo pão tem valor de troca, pois ele troca o produto de seu trabalho por outra mercadoria (no caso, o dinheiro).

Em *O capital*, Marx analisa apenas a questão econômica do valor de troca e mostra que é a oferta e a procura que fazem com que o preço das mercadorias sofra variações. Na época das colheitas, os preços dos grãos já colhidos baixam, porque há maior oferta deles. O inverso ocorre na entressafra, em que a procura é maior que a oferta.



O valor de troca de uma mercadoria cresce à proporção que aumenta o trabalho e o tempo necessários na sua produção. Esse tempo não é o que foi registrado pelo relógio, mas é medido socialmente. **Tempo social** é o período que um operário normal leva para fabricar determinada mercadoria em determinada sociedade e em certo período histórico de sua evolução tecnológica, dentro de um esforço de intensidade média. Todos esses fatores combinados servem de base para determinar o valor de troca da mercadoria. Daí se vê que, para Marx, é o trabalho humano que está na base da definição do valor de uma mercadoria. Só o homem é capaz de produzir valor.

Dinheiro e capital

Dinheiro é uma mercadoria especial, capaz de comprar outras mercadorias que satisfazem alguma necessidade humana (têm valor de uso).

O capital é a riqueza (dinheiro, máquinas, recursos naturais) destinada a obter lucro. O capital se destina à própria ampliação, isto é, à acu-

mulação capitalista. Capital gera mais capital. Produzindo mercadorias com valor acima do empregado em sua produção, o capitalista aumenta suas reservas em dinheiro, patrimônio etc. Já o trabalhador permanece com sua força de trabalho e tem de recomeçar todos os dias do mesmo ponto, pois o salário que recebe serve apenas para repor as energias empregadas na produção da mercadoria.

Mais-valia e lucro

O trabalhador só tem seu tempo, sua força de trabalho para vender. Assim, seu trabalho torna-se uma mercadoria. Ele não pode adquirir máquinas e instalações necessárias para produzir as próprias mercadorias. Esses meios de produção (instrumentos, matéria-prima e tecnologia) estão nas mãos dos donos das empresas: só falta alguém que, a troco de salário, coloque tudo isso para funcionar. Esse alguém é o trabalhador. O salário corresponde apenas ao valor da força gasta pelo trabalhador; o trabalhador não recebe o correspondente à riqueza gerada pelo seu trabalho. Há um valor que foi criado *a mais*, que não é pago a quem o criou: é a **mais-valia**. Percebe-se que o trabalho humano é o único capaz de produzir mais valor do que a energia gasta na produção. O problema é que esse excedente não fica para quem trabalhou.

E como se calcula a mais-valia? De um lado, o capitalista soma os gastos com a conservação e renovação das máquinas e instalações, os gastos com os salários, os custos com matérias-primas e encargos financeiros; do outro lado, totaliza os ganhos que espera obter com a venda das mercadorias. Subtrai um total do outro e obtém a mais-valia. O lucro não é sinônimo de mais-valia. Lucro é uma parte variável (depende das condições do mercado) da mais-valia, derivado da venda das mercadorias.

Em outros termos, para produzir riqueza, se consome riqueza: energia humana, máquinas, matéria-prima (tudo isso também é fruto de trabalho anterior, que foi acumulado). Mas, ao consumir essa riqueza, cria-se uma riqueza nova, que repõe a antiga destruída, e um excedente a mais. Esse excedente é que é a mais-valia. O trabalhador recebe sob a forma de salário o correspondente à sua energia consumida, mas não recebe a riqueza a mais criada.

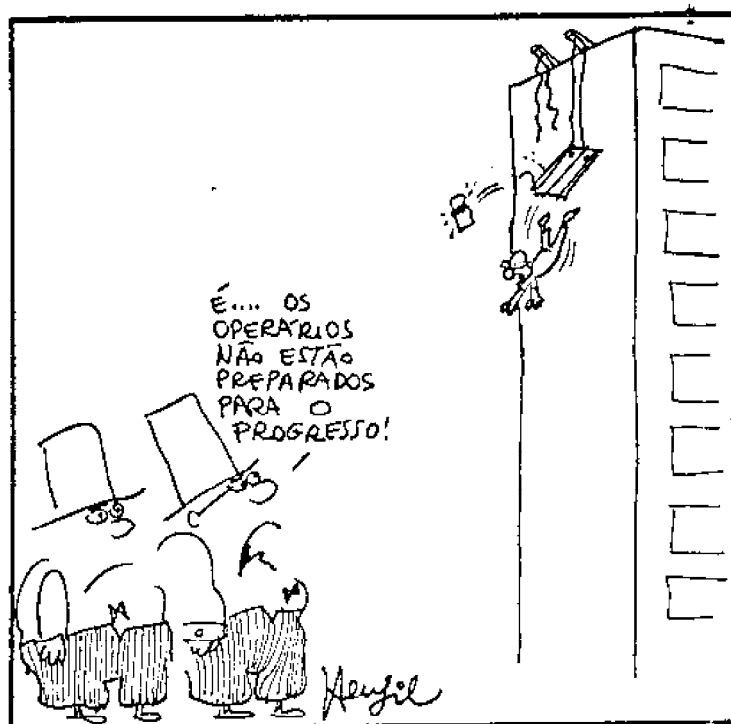
A mais-valia sustenta todo o funcionamento e o desenvolvimento de um negócio. Ela é a materialização do tempo de trabalho que não foi pago, é trabalho roubado e fonte de toda acumulação do capital. O valor é criado pela atividade do trabalhador.

Vamos dar um exemplo simplificado. Um empregador contrata um operário para trabalhar para ele e ganhar uma quantia mensal de, digamos, \$ 1.000. Se o operário fabricar cinco cadeiras ao custo de \$ 200 cada uma, ele já terá trabalhado o suficiente por aquele mês, porque o que ele produziu pagou seu salário. Entretanto o mesmo trabalhador fabricou onze cadeiras mensais. A diferença conseguida com essas seis cadeiras excedentes vai para o bolso do capitalista. Descontados os gastos (energia, desgaste de máquinas, matéria-prima), o valor *a mais* produzido e que não foi pago é a mais-valia que fica para o capitalista.

Imaginemos que cada cadeira seja vendida por um preço médio de \$ 800 e teremos uma idéia da multiplicação do investimento do capitalista, com uma mínima remuneração da força de trabalho.

O exemplo acima é uma situação simples. Atualmente as grandes empresas sofisticaram a exploração usando trabalhadores pouco qualificados operando máquinas sofisticadas e automatizadas, através de uma programação tecnológica, a qual também foi fruto de trabalho acumulado do qual foi retirada mais-valia.

Todos os homens têm direito ao resultado do trabalho humano acumulado, às descobertas produzidas ao longo da História. No sistema capitalista, porém, tudo isso está concentrado nas mãos de poucas pessoas.



Mercadoria

Aquilo que se produz para o mercado — para ser vendido ou trocado — e não para uso próprio de quem produz chama-se mercadoria.

No quadro da produção capitalista, a força humana não serve a quem a exerce, mas a quem a emprega. Assim, os trabalhadores são transformados em instrumentos e o processo de produção passa a dominar o ser humano.



Os economistas clássicos não analisaram as etapas de produção da mercadoria; só levaram em conta o produto final já sendo manejado pelas forças do mercado. Marx, atento ao processo de produção, denunciou como o sistema capitalista atribui à mercadoria uma vida, um valor próprio, omitindo a contribuição básica do trabalhador. Desta forma, a mercadoria adquire um caráter misterioso, como se fosse um ídolo a controlar as vantagens humanas, degradando operários e patrões. De todas as mercadorias, a mais importante para o capitalista é o dinheiro, porque pode comprar todas as outras, inclusive a fonte de valor, que é a força de trabalho.



Vamos Refletir

1. Debata: “A tendência do capitalismo é transformar tudo em mercadoria”. Até que ponto você percebe essa tendência em sua vida?
2. Aponte a distinção entre valor de uso e valor de troca quanto a:
 - pessoa humana;
 - relações pessoais;
 - força de trabalho;
 - arte;
 - religião.
3. “Você que só faz usufruir
E quer mulher para usar ou para exhibir
Você vai ver um dia, em que toca você foi bulir
A mulher foi feita
pro amor e pro perdão
cai nessa não, cai nessa não.”

Relacione esses versos de Vinicius de Moraes e Toquinho com os conceitos de valor de uso e valor de troca.
4. Relacione as charges apresentadas no texto com os conceitos estudados.

Proposta de Atividade

Montar um jogral a partir do poema *Perguntas de um trabalhador que lê* (anexo), atualizando-o para a realidade brasileira.

Anexo

Perguntas de um trabalhador que lê

Bertold Brecht

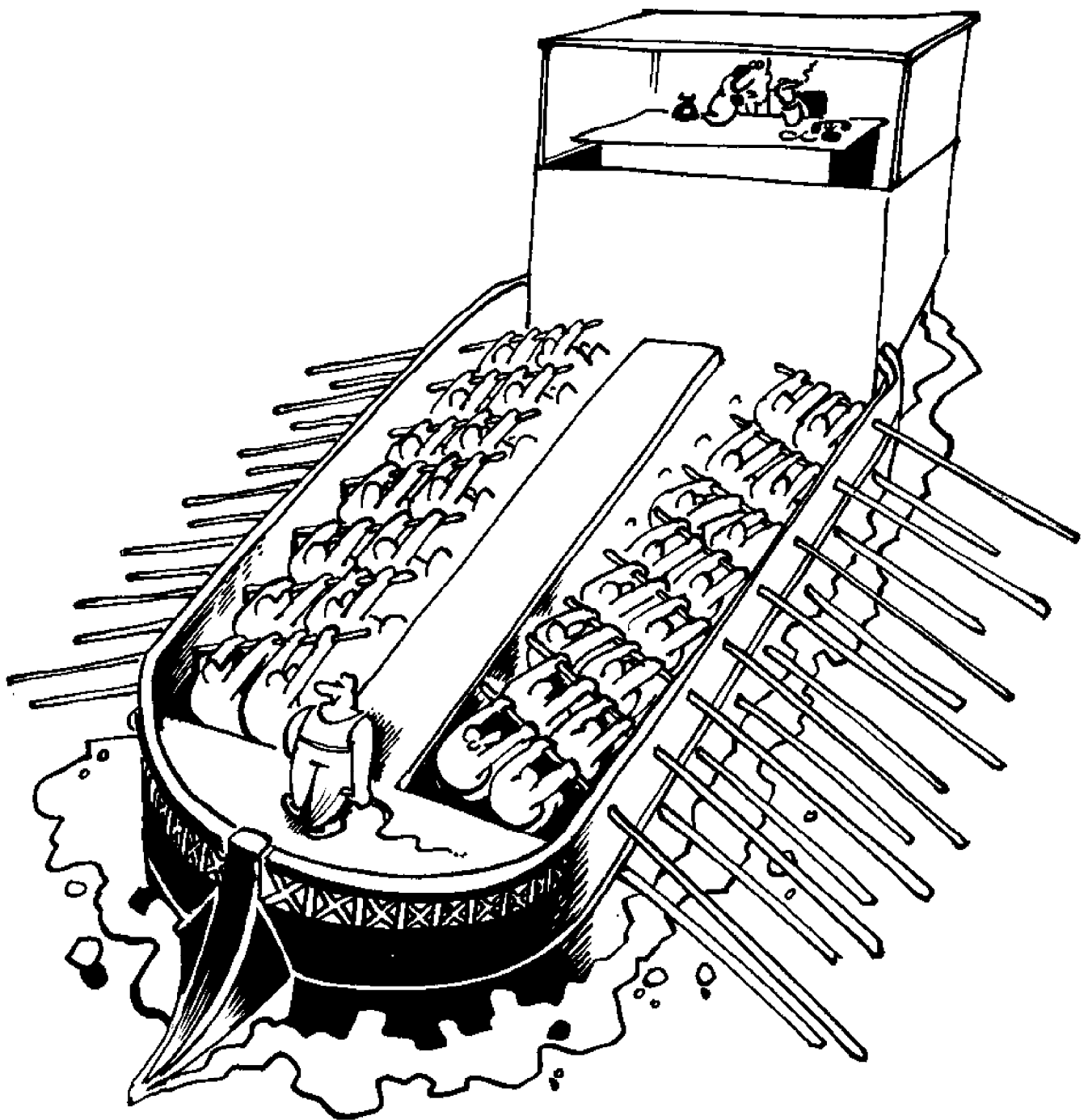
Quem construiu a Tebas das sete portas?
Nos livros constam os nomes dos reis.
Os reis arrastaram os blocos de pedra?
E a Babilônia tantas vezes destruída
Quem ergueu outras tantas?
Em que casas da Lima radiante de ouro
Moravam os construtores?
Para onde foram os pedreiros
Na noite em que ficou pronta a muralha da China?
A grande Roma está cheia de arcos de triunfo.
Quem os levantou?
Sobre quem triunfaram os césares?
A decantada Bizâncio só tinha palácios.
Para seus habitantes?
Mesmo na legendária Atlântida,
Na noite em que o mar a engoliu,
Os que se afogavam gritavam pelos seus escravos.
O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Ele sozinho?
César bateu os gauleses.
Não tinha pelo menos um cozinheiro consigo?
Filipe de Espanha chorou quando sua Armada naufragou.
Ninguém mais chorou?
Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.
Quem venceu, além dele?

Uma vitória em cada página.
Quem cozinhava os banquetes da vitória?
Um grande homem a cada dez anos.
Quem pagava suas despesas?

Tantos relatos.
Tantas perguntas.

Capítulo 8

Dominação e resistência



Segundo Marx, a miséria não basta para que os povos lutem para se libertar da exploração. Os trabalhadores precisam descobrir as leis de transformação da História. Para nosso filósofo, os homens mudam a sociedade dentro de circunstâncias muito determinadas. São essas circunstâncias que os homens precisam conhecer para transformar o mundo. Para se ter uma visão científica das mudanças sociais é necessário chegar às causas econômicas dos fenômenos; é preciso buscar informações seguras sobre a situação econômica do período analisado.

Não se transforma o mundo e a sociedade espontaneamente, sem um plano, sem uma teoria. Daí a importância do conhecimento, da filosofia como arma da transformação. Para projetar um futuro melhor, é preciso valorizar as lutas do passado e compreender bem o presente. Esses conhecimentos fazem parte de uma teoria revolucionária, fundamental para se ter uma prática revolucionária eficiente.

Para entender como se realizaram as transformações sociais através dos tempos, Marx estudou as formas como os homens produziram materialmente a própria existência. Foi assim que o filósofo identificou alguns *modos de produção*.

Modo de produção é um conceito que reúne outros dois conceitos:

- **meios de produção:** instrumentos ou ferramentas utilizadas pelos homens para produzir os meios necessários à sua existência;
- **relações de produção:** são os laços que ligam os homens entre si nas diversas formas de se produzir a existência, dividindo o trabalho em grupos, ou classes, por exemplo entre escravos e senhores, entre empregados e patrões.

Classes sociais são grupos humanos que se diferenciam entre si pela posição que ocupam num determinado modo de produção e pelo seu papel

na apropriação da riqueza. Cada um pertence a uma classe social de acordo com a parte que lhe cabe na divisão da riqueza que uma sociedade produz. Por ocuparem posições diferentes em determinado regime econômico, algumas classes podem apropriar-se do trabalho das outras. Os conflitos de interesses entre as classes conduzem inevitavelmente à luta entre exploradores e explorados. É a **luta de classes**.

Marx considera que o modo pelo qual os homens produzem os bens materiais necessários à vida humana é o gerador das grandes mudanças históricas, condiciona a transição de um regime social para outro. O filósofo analisa cinco modos de produção, cuja evolução não é mecânica:

1. Primitivo: no início da humanidade os homens extraíam diretamente da natureza os bens necessários para sobreviver. Caçavam, pescavam, colhiam frutas e raízes. Numa fase seguinte, as tribos começaram a se fixar e abandonaram a vida nômade. Passaram a criar gado e a desenvolver a agricultura. Para realizar essas atividades, os grupos primitivos tomavam posse de territórios.

Com o desenvolvimento da agricultura, os homens produziam mais do que necessitavam para seu consumo imediato. Essa “sobra” permitia que alguns indivíduos não precisassem trabalhar tanto e se apropriassem dos excedentes produzidos. Surge assim a **propriedade privada** e, com ela, as desigualdades sociais. A propriedade surgiu muito depois das origens do homem. Nas comunidades primitivas, a propriedade dos meios de produção era comum.

Como consequência do fato de algumas famílias terem propriedades e outras não terem, surgiram as classes sociais, que lutavam entre si.

2. Escravista: a escravidão apareceu quando o esforço de produção já tinha condições de gerar excedentes. A escravidão acentua a divisão de classes da sociedade: uma minoria é dona da força de trabalho, dos meios de produção e do produto do trabalho. Para garantir aos senhores o direito legal de explorar os escravos, para reprimir suas revoltas contra os senhores, para defender das agressões externas os territórios dos senhores, surge o Estado.

Um tipo especial é o “modo de produção asiático”, que predominou em épocas diferentes na China, na Índia etc. O Egito foi um caso típico: lá o Estado era liderado pelo faraó, que usava enorme quantidade

de escravos para a edificação de obras suntuosas. Através das castas sacerdotais, o Estado inculcava na cabeça do povo que o faraó era Deus e, portanto, seu poder era inquestionável.

3. Feudal: sua característica é que a sociedade estava dividida entre senhores e servos. Os senhores feudais tinham o poder econômico porque eram donos das terras. Tinham o poder político porque faziam as leis dentro do feudo e obrigavam os servos a obedecê-las.

Os servos não eram escravos: eles trabalhavam as terras do senhor por conta própria e durante alguns dias iam cuidar das plantações do senhor. Todos os nobres eram sustentados pelo trabalho dos servos. As leis não permitiam a venda do servo como se fosse um escravo, mas o servo não podia abandonar o feudo onde nascera. A maior proprietária de terras era a Igreja Católica, que pregava a obediência dos servos a seus senhores, o respeito à autoridade real que provinha de Deus.

4. Capitalista: nesse modo de produção, o que manda é o dinheiro. Os produtos são fabricados para dar lucro e aumentar o capital. O que torna o dono do capital cada vez mais rico não é a venda de seus produtos, mas a mais-valia: é a exploração capitalista.

O capitalismo começou a se constituir desde o século XIV, no interior do feudalismo, com o desenvolvimento das companhias de navegação (capitalismo mercantil). Durante esse período, até o século XIX, predominou a livre concorrência entre os capitalistas (capitalismo concorrencial). Mas as pequenas empresas foram falindo e as maiores dominaram sozinhas o mercado, criando monopólios em suas áreas. A ânsia de lucros levou as empresas a buscar novos mercados, em outros países. A concentração internacional das grandes empresas e a utilização de novas tecnologias produziram um novo tipo de capitalismo, imperialista, chamado “capitalismo monopolista”. Este é o capitalismo do século XX.

A situação do assalariado no capitalismo é melhor do que a do escravo e a do servo. Contudo, ensina Marx, a liberdade que o assalariado tem de assinar um contrato de trabalho com seu patrão acaba sendo uma ilusão de liberdade, pois não lhe é possível decidir não vender sua força de trabalho. Deixa de ser servo de um senhor e passa a sê-lo da burguesia em geral, ou do capital enquanto um senhor abstrato. O contrato de trabalho não lhe permite decidir também acerca do que vai produzir e em

que condições: o assalariado se torna prisioneiro do sistema capitalista com todas as limitações e cerceamento da liberdade de quem não é dono dos meios de produção.

A ideologia burguesa ensina que o capitalismo se aperfeiçoa eternamente. Marx, ao contrário, apontava em cada vitória do sistema o germe da sua derrota. Por exemplo: a indústria moderna vincula fortemente os empregados uns aos outros, através da linha de montagem. Essa cooperação permite que os operários se organizem dentro do ambiente da produção. Daí surgem crises em que, através da participação organizada dos trabalhadores, ocorrem mudanças que podem levar à alteração da correlação de forças entre capital e trabalho, preparando o advento do socialismo.

5. Socialista: no socialismo, a Economia visa em primeiro lugar aos interesses sociais, às necessidades básicas da população: educação, saúde, emprego, moradia. Continuam a existir diferenças sociais entre as pessoas, salários desiguais; por isso o Estado controla, em favor da maioria, a Economia, a vida política e os meios de formação e difusão ideológica (escolas e meios de comunicação social).

Nos modos de produção anteriores, o “patrão” era o proprietário dos meios de produção, humanos e materiais. No socialismo, os meios de produção pertencem à comunidade e não a indivíduos isolados ou a entidades privadas.

A vida social depende das forças produtivas que ela tem a seu dispor. Daí a importância do planejamento social dessas forças. Isso só se consegue com o socialismo.

O *comunismo* é a etapa superior, posterior ao socialismo. O comunismo é a fase em que não há mais diferenças sociais entre as pessoas. O Estado deixa de existir porque o povo realiza o próprio governo (é a autogestão social). No socialismo cada indivíduo recebe segundo sua capacidade de produzir; no comunismo, cada um deve receber segundo suas necessidades.

Para Marx, o comunismo consiste na reunião de homens livres, trabalhando com meios de produção que pertencem a todos. Desaparece a divisão social do trabalho. Livres do egoísmo, os trabalhadores se associam com plena consciência do seu trabalho.

Marx demonstrava que o proletariado é o meio concreto de que a filosofia precisava para fazer prevalecer o ideal do humanismo, para superar a desumanidade do mundo.

Qual é a minha classe?

Em cada momento histórico existem classes sociais. Mas nem sempre as classes se engajam na defesa de seus interesses específicos.

As sociedades humanas são muito complexas. Para entendê-las não podemos reduzir tudo a blocos opostos, uniformes. Por exemplo: uma parcela da classe trabalhadora pode assumir em determinados momentos algumas posições de classe da burguesia. Isso não significa que faça parte da burguesia. Da mesma forma, a classe média (pequena burguesia) pode defender ora interesses da classe dominante, ora interesses dos trabalhadores.



Dentro do conceito de classe social podemos distinguir duas ordens de fatores. A *primeira* é a “determinação econômica”, isto é, a posição que um grupo ocupa no processo de produção e o seu lugar nas relações de produção: se é trabalhador ou capitalista, se é classe dominada ou dominante, se vive do próprio trabalho ou se explora o trabalho alheio. Às vezes, em sociedades complexas como a moderna, essa posição de classe pode ficar confusa. Gerentes podem movimentar enorme quantidade de recursos financeiros ou humanos, cientistas podem descobrir energias poderosas e lucrativas. No entanto, por serem assalariados, eles são integrantes da classe trabalhadora da mesma forma que trabalhadores manuais, com pouca qualificação profissional.

A *segunda* ordem de fatores é a político-ideológica. Uma classe está inserida em determinado lugar da estrutura econômica (“classe em si”), mas pode não ter consciência dessa situação. Claro, as classes exploradas, pelo menos, *sentem* na pele e no estômago a exploração, o que já é um grau inicial de consciência. Mas só a *consciência de classe* leva os trabalhadores a se perceberem enquanto um grupo maior e mais complexo e a se organizarem de forma politicamente autônoma para defesa de seus interesses (“classe para si”). A consciência de classe mostra claramente que o destino do indivíduo depende do outro e que só unidos é possível resolver os problemas que afetam a todos (no momento em que uma “classe em si” toma consciência de sua situação, torna-se uma “classe para si”).

Por falta de consciência de sua classe, muitos trabalhadores acabam defendendo os interesses da classe que os explora. A transformação das condições de vida dos trabalhadores não acontece como num passe de mágica: sua libertação necessita de um grau cada vez mais elevado de consciência da opressão, capaz de superar uma constatação ingênua (embora sofrida) para amadurecer uma visão crítica. Daí a importância da filosofia e da educação para os trabalhadores.

Ao capitalismo interessa reduzir a consciência de classe dos trabalhadores a um amontoado de preconceitos, capazes de reduzi-los à infantilidade. Mas, para poder assumir a direção da sociedade, a classe trabalhadora precisa de maturidade e de competência. Isso não se dará sem uma profunda formação cultural, política, social e econômica que hoje serve apenas para que a classe dominante aumente seu poder. O fundamental para a classe trabalhadora não é aumentar seu saber para vender sua força de trabalho por um preço mais elevado, para melhor servir ao capital. O trabalhador precisa conquistar maturidade suficiente para enfrentar a exploração e tornar-se classe dirigente.



Vamos Refletir

1. Dê exemplos de manifestações de consciência de classe em nossa sociedade.
2. Até que ponto a pessoa (enquanto ser individual) tem condições de alterar sua consciência de classe?
3. Quais as principais instituições de nossa sociedade que “fabricam” essa consciência?
4. Debata o poema *O analfabeto político* (anexo).

Propostas de Atividade

1. Debater acerca das relações de trabalho e dos modos de produção em filmes como: *A guerra do fogo*; *Cabra marcado para morrer*; *Queimada*; *Sacco e Vanzetti*.
2. Debater acerca da consciência de classe no filme *Eles não usam black-tie*. Relacionar com *O analfabeto político*.
3. Leitura recomendada: *Nós, o povo*, de Leo Huberman.

Anexo

O analfabeto político

Bertold Brecht

O pior analfabeto é o analfabeto político.

Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos.

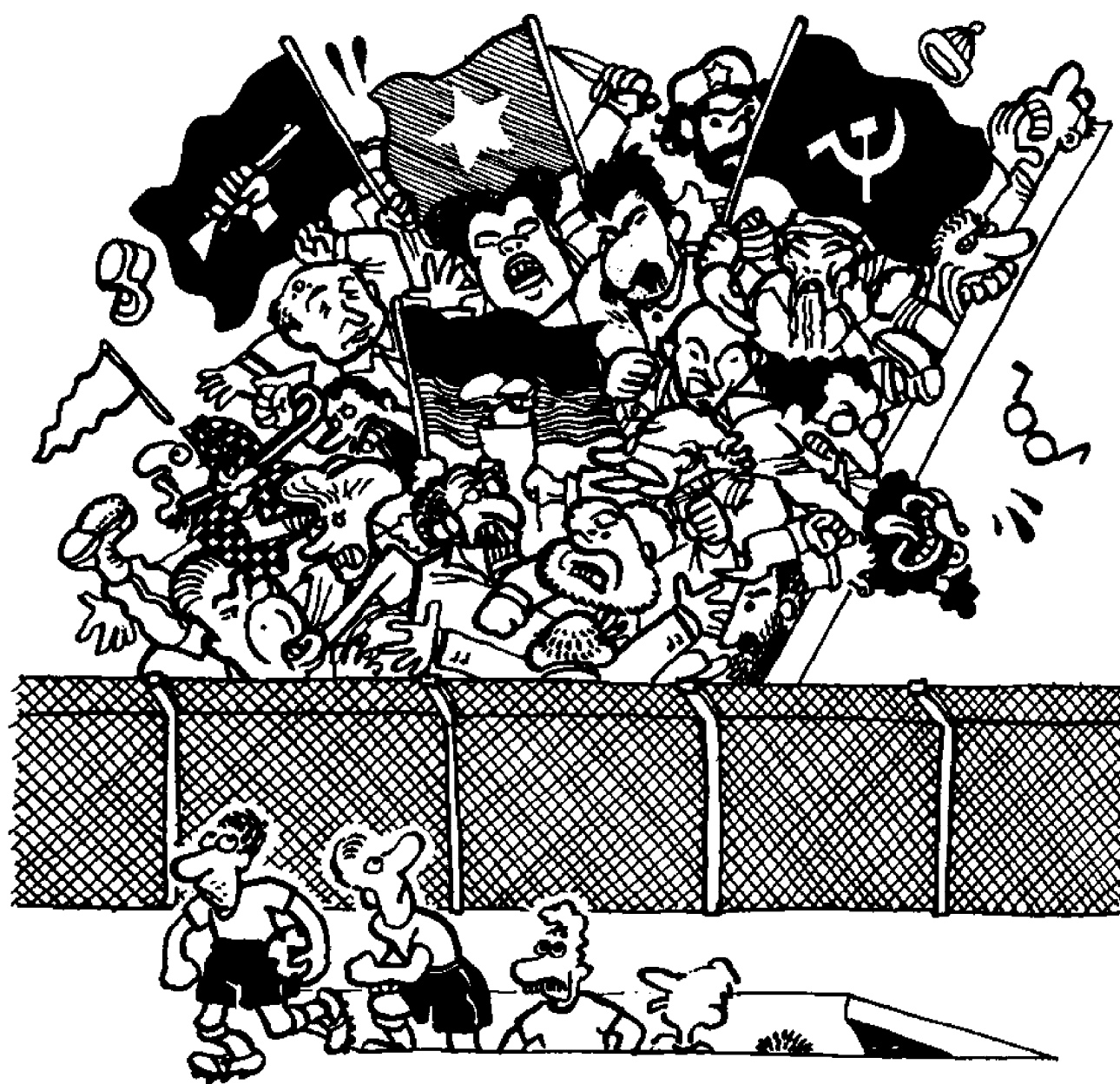
Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das condições políticas.

O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política.

Não sabe o imbecil que da sua ignorância política nasce a prostituta, o menor abandonado, o assaltante e o pior de todos os bandidos, o político vigarista, pilantra, corrupto e lacaio das empresas nacionais e multinacionais.

Capítulo 9

As mutações do marxismo



Marx se queixava de que seu pensamento estava sendo deturpado, o que o levou a sustentar muitas polêmicas. O filósofo tinha por hábito intelectual desenvolver suas teses através do debate com outros pensadores, o que lhe possibilitava estabelecer uma distinção entre seu pensamento e o daqueles que o criticavam. Aliás, mesmo depois da morte de seu inspirador, o marxismo sempre estimulou polêmicas — cada vez mais acesas, o que prova sua vitalidade.

Polêmicas de Marx

- Em 1846 o filósofo escreveu a *Pierre-Joseph Proudhon*, político e escritor francês, convidando-o a participar de um intercâmbio entre comunistas de vários países. Proudhon disse que não aprovava a revolução como meio de transformar a estrutura econômica e social, pois ela traria prejuízo aos trabalhadores, desarmonizaria o sistema de produção e faria cair o fluxo de mercadorias. Essas opiniões foram expressas no livro *Filosofia da miséria*, escrito contra Marx, e que atingiu um grande público. Inspirado em idéias anarquistas, Proudhon propunha uma nova ordem social, baseada na pequena propriedade, na concessão de créditos gratuitos e sem a existência de um poder central.

Marx respondeu, através do livro *Miséria da filosofia*, em que critica o filósofo francês, dizendo que de Hegel ele só havia assimilado o vocabulário, sem perceber as complexas contradições da sociedade. Embora respeitasse a pessoa de Proudhon, Marx atacou com ferocidade as suas idéias, que considerava pequeno-burguesas e descomprometidas com as lutas da classe trabalhadora. Proudhon se opunha à greve, que considerava um crime contra o sistema econômico.



Proudhon



Bakunin

• Por outro lado, Marx também criticou o “grevismo” do russo *Mikhail Bakunin* (1814-1876), revolucionário de formação hegeliana, considerado o pai do anarquismo e contrário a toda forma de autoridade. Marx dizia que a greve geral, defendida por Bakunin, era um mito, uma idéia romântica, que poderia prejudicar a organização da classe trabalhadora, que deve amadurecer com paciência.

Bakunin, que admirava a visão histórica e o vasto conhecimento de Marx mas o achava prepotente, era partidário da auto-organização do trabalhador a partir de seu local de trabalho, sob a forma de comitês e grupos de fábrica. Considerava que a Associação Internacional dos Trabalhadores deveria respeitar a autonomia das seções nacionais que a compunham, ao invés de ser dirigida de cima para baixo.

O conflito se centrava em acusações mútuas contra o socialismo “libertário” de Bakunin e o socialismo “autoritário” de Marx. O anarquismo defendia o triunfo da liberdade econômica através da abolição do Estado e de qualquer autoridade: a sociedade deveria ser reconstruída de baixo para cima. Marx dizia que o programa de Bakunin era “uma salada de lugares-comuns, de palavrório sem sentido, uma grinalda de conceitos e improvisação insípida”. A polêmica chegou a tal ponto que Marx

conseguiu a expulsão de Bakunin da Associação Internacional dos Trabalhadores, em 1872.

É preciso entender bem o significado de “anarquismo”, que não é sinônimo de bagunça nem pode ser confundido com individualismo. Posições anarquistas, como a defesa do movimento de massas, a descentralização e participação, a consulta direta e a democracia na organização partidária, mais tarde foram aceitas por muitos marxistas. Anarquismo significa “sem governo”, mas pode ser entendido no sentido de “governo de todos”, o ideal de sociedade democrática.

- A forma como deveria ser realizada a unificação dos estados germânicos independentes foi o foco de uma polêmica política entre Marx e o advogado e escritor socialista alemão *Ferdinand Lassalle* (1825-1864). Ele considerava necessária a atuação de Bismarck, o reacionário primeiro-ministro da Prússia, que fez a unificação a ferro e fogo.

Intellectual de formação hegeliana, Lassalle foi um líder de movimentos operários. Em 1863 ele fundou a Associação Geral dos Operários Alemães, que, em 1875, se constituiu no Partido Social Democrata. Em 1869 Marx e Engels estimularam a fundação de um partido operário na Prússia para fazer frente aos seguidores de Lassalle.

As eleições alemãs de 1874 trouxeram ótimos resultados para os partidos de esquerda, e os partidos ligados a Marx e a Lassalle se uniram e fizeram um congresso em Gotha, onde concordaram em realizar uma ação política comum. Marx reprovou a aliança e as concessões feitas aos lassaleanos, numa publicação intitulada *Crítica ao programa de Gotha*. O filósofo abominava a idéia de que o Partido Operário Alemão esperasse ajuda do Estado burguês na implantação de uma educação democrática e popular e na criação de cooperativas.

Mesmo com muitas divergências, inclusive pessoais (o tumultuoso Lassalle tinha modos arrogantes, que Marx detestava), os dois trabalharam juntos durante algum tempo, chegando a editar livros. Quando Bismarck começou a fechar jornais e a proibir o debate político, Lassalle deu razão a Marx em sua oposição ao primeiro-ministro.

Lassalle morreu em 1864, em consequência de um tiro no abdômen, durante duelo com uma pessoa que descobriu suas aventuras amorosas.

As internacionais comunistas

Desde o início do século XIX, com o próprio desenvolvimento capitalista, a classe trabalhadora de vários países europeus sentiu necessidade de se unir em defesa de seus interesses comuns. Surgiram ligas, associações e movimentos de solidariedade, que encontravam muita dificuldade em se estruturar.

Marx e Engels foram os principais dirigentes da Associação Internacional dos Trabalhadores, mais tarde denominada *Primeira Internacional Comunista*, que durou de 1863 a 1874. Era uma federação de associações nacionais de trabalhadores e incluía socialistas utópicos, social-democratas, anarquistas e marxistas. No conselho geral, Marx contornou muitas desavenças pessoais, mas questões como a greve geral, a coletivização dos meios de produção, as sociedades cooperativas trouxeram profundas divergências. Nesse contexto é que surgiram as polêmicas entre Marx e Bakunin, inclusive acerca do direito de herança, que o russo queria simplesmente abolir. Marx entendia que a raiz do problema estava no sistema de propriedade privada e que a herança era uma decorrência.

Alguns não aceitavam os métodos autoritários de Engels, a quem — além disso — os sindicalistas ingleses jamais perdoavam o fato de ser, mesmo a contragosto, um industrial. Bakunin criticava o “autoritarismo germânico” de Marx, defendendo uma consulta permanente às bases.

Dentro da Primeira Internacional havia duas tendências de igual força: os defensores da “ação direta” contra todas as manifestações do capitalismo, e os partidários de Marx, que propunham uma estratégia baseada na organização política, mais lenta e equilibrada, e não estimulada por gestos espontâneos.

Em 1874 a Primeira Internacional se dissolveu, devido às pressões internas e externas. Marx e Engels logo se empenharam na criação de uma nova associação. Mas a *Segunda Internacional* só surgiu em 1889, alguns anos depois da morte de Marx, integrada sobretudo por partidos democráticos e populares. A experiência da entidade em organizar os partidos operários foi um grande avanço, mas não conseguiu sobreviver à Primeira Guerra Mundial e foi dissolvida em 1914.

Houve uma *Terceira Internacional*, fundada em 1918, logo após a

vitória da primeira revolução socialista, na Rússia. Teve uma atuação importante em muitos países. Seu auge foi o 4º Congresso, realizado em 1922. Nessa época foram fundados muitos partidos comunistas, inclusive no Brasil e na Argentina.

Em nosso país, o *Diário Oficial da União* do dia 7 de abril de 1922 publicou o registro dos estatutos do PC—SBIC (Partido Comunista — Seção Brasileira da Internacional Comunista), que tinha o objetivo de “promover o entendimento, a ação internacional em partido de classe, para a conquista do poder e conseqüente transformação política e econômica da sociedade capitalista em sociedade comunista”. Esse caráter internacionalista do movimento operário comunista no Brasil foi interpretado como subversão e passou a ser usado para justificar a proibição do registro de partidos comunistas ou de outros que tivessem os mesmos princípios.

No Brasil existem hoje dois partidos comunistas: o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o Partido Comunista do Brasil (PC do B). Ambos reivindicam sua fundação, em 1922, pelo PC—SBIC. O PCB e o PC do B passaram quase toda sua existência na clandestinidade, agindo sob forte repressão, especialmente durante o Estado Novo (1937-45) e a ditadura militar (1964-84). Em 1985, com a reforma partidária, os partidos tornaram-se de novo legais.

Depois de 1922, a Terceira Internacional se degenerou e perdeu seu caráter internacionalista, graças sobretudo à atuação de Joseph Stálin (1879-1953), que considerava possível o comunismo em um só país. Leon Trotski (1879-1940), dirigente da Revolução Russa em 1917 e depois exilado, discordava da orientação de Stálin. Trotsky entendia que o internacionalismo é absolutamente necessário para a consolidação do comunismo, o que só seria possível quando fosse implantado em todo o mundo através de revoluções nacionais: é a tese da Revolução Permanente. Por sua iniciativa, foi fundada em 1938 a *Quarta Internacional*, que hoje agrupa muitos partidos e movimentos operários, com alguma ação política mas ainda incomparavelmente fraca em relação à força do capitalismo, estruturado multinacionalmente.

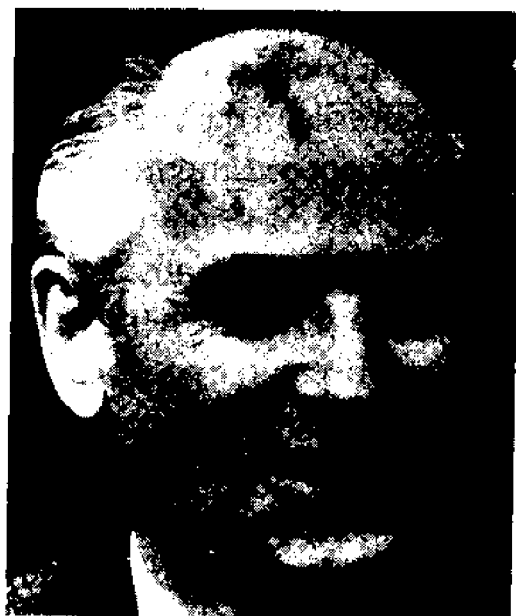
Também os partidos socialistas e social-democratas possuem sua federação: é a poderosa Internacional Socialista. Esses partidos detêm importante parcela de poder em países como a Suécia, a Alemanha e a França.

O tronco e os ramos

O complexo pensamento de Marx, que abrange tantas áreas, foi adaptado a variadas situações concretas e a diversas correntes teóricas.



Lênin



Gorbatchov

"Cumorah" - Laureni Fochetto

• Na *União Soviética*, o sistema político-econômico se define como "marxista-leninista". *Lênin*, cujo nome verdadeiro é Ilitch Oulianov Vladimir e que viveu entre 1870 e 1924, era filho de um diretor de escola. Foi o fundador do Partido Comunista da União Soviética e também do Estado Soviético. Tendo como base as idéias de Marx e de Engels, e à frente do partido, dirigiu a primeira revolução socialista do mundo. Através de Lênin a filosofia da História, de Marx, teve chance de se realizar dentro de uma doutrina rigorosa, que se concretizou no campo político e social: o marxismo-leninismo, seguido por numerosos partidos comunistas.

Homem severo, Lênin confiava muito na capacidade de os intelectuais e as vanguardas operárias conduzirem a revolução, mais do que nos movimentos sociais de massa. Por isso valorizava a formação dos chamados "quadros dirigentes". A cada passo, nova polêmica. Discordando de Lênin, a polonesa *Rosa Luxemburgo* (1871-1919) desenvolveu um intenso trabalho de formação popular, apostando na criatividade e na espontaneidade da classe trabalhadora na condução da revolução democrática. Ela criticava a existência do partido único e insistia na necessidade de evitar a burocratização.

Depois de Lênin, as idéias marxistas na União Soviética tomaram rumos que contrariaram os princípios humanistas de Marx, que, em nenhum de seus livros, deu base para a expropriação de milhões de pequenos produtores, praticada por Josef Stálin. Este dirigente governou o país desde 1922 até sua morte. Ele ordenou o assassinato de importantes líderes da Revolução, seus oponentes, como o de *Leon Trotsky*, exilado no México, e de *Nikolai Bukharin (1888-1938)*. Este era um sociólogo e teórico marxista e havia aprovado a execução de Trotsky, mas também foi eliminado por ordem de Stálin por opor-se à coletivização forçada da agricultura.

Endeusado por força da propaganda oficial, Stálin enterrou os ideais democráticos de Lênin ao criar a casta dos burocratas do Estado, nitidamente pequeno-burguesa. Devido à burocracia e ao centralismo do governo, muitos consideram a União Soviética um “capitalismo de Estado”, em que o governo controla toda a Economia e é dominado por funcionários que usufruem grandes mordomias.

A partir de 1987, o primeiro-ministro soviético *Mikhail Gorbatchov* surpreendeu o mundo com o anúncio de profundas alterações no sistema da URSS, num programa que apresenta dois aspectos essenciais: a *perestroika* (reestruturação), que promove uma mudança nas estruturas tradicionais, sobretudo de ordem econômica; e a *glasnost* (transparência), a abertura política, com maior liberdade de imprensa e de crítica, afrouxamento da censura artística e maior debate sobre temas-tabus como a livre iniciativa e a ineficiência das empresas do Estado. Também está havendo maior diálogo com as religiões.

- Com relação à *China Popular*, a doutrina vigente é o maoísmo, que é a aplicação do marxismo às condições particulares da sociedade chinesa, de características agrárias marcantes.

Mao-Tse Tung (1893-1976) fundou o Partido Comunista Chinês em



Mao

1921, junto com outros onze companheiros. Depois de uma longa luta, *Chiang Kai Check* foi expulso, em 1949, para a ilha de Formosa (Taiwan), onde instaurou um governo. Durante a década de 60, a China iniciou uma notável Revolução Cultural, visando à preservação de valores socialistas, como o trabalho manual para todos, a coletivização da produção, a eliminação da oposição cidade-campo e dos privilégios de classe: salários iguais, nenhuma propriedade privada. A Revolução Cultural foi criticada devido a muitos excessos, como a idolatria dos principais enunciados do *Livro Vermelho* de Mao, a repressão da sexualidade e a exaltação da ordem, mas um de seus méritos foi eliminar uma tradição autoritária milenar de submissão aos mandarins (uma espécie de senhores feudais), incutida sobretudo através da educação. Essa revolução foi um complexo movimento de busca da identidade nacional chinesa e acentuou demasiadamente a uniformidade nas idéias e até no modo de vestir. Em 1978, com o fim da Revolução Cultural, os chineses passaram a valorizar a beleza da diferença, voltando-se ao conhecimento de outras realidades para além de suas muralhas.

Essa valorização da diferença se acelerou em 1976 quando, após a morte de Mao, o dirigente *Deng Xiaoping* iniciou novo processo: introduziu a gestão dos especialistas e não mais dos trabalhadores livremente associados como pretendia Mao, acabou com a experiência das comunas, impôs o vestibular nas escolas e admitiu a entrada das multinacionais. Deng criou uma sociedade de tipo soviético, revisando a economia para adequá-la ao grau real de desenvolvimento científico e técnico do país. Também admitiu a pequena propriedade privada, sob controle do Estado.

O marxismo é autoritário?

Marx jamais pretendeu um regime socialista que fosse autoritário. Ele apenas admitiu que, num primeiro momento do exercício da liberdade do proletariado, com a classe trabalhadora no poder, deveriam ser feitas reformas sociais para beneficiar igualmente a todos, o que desagradaria aos que detinham privilégios no regime anterior. Para fazer essa alte-

ração deveriam ser empregadas todas as forças possíveis. Na expressão de Marx, esse período de transição, que se pretendia curto, é chamado de “ditadura do proletariado”.

No entanto, mesmo ao criticar as ilusões do liberalismo, Marx jamais negou os princípios e as conquistas da democracia burguesa. Para ele, o socialismo era o verdadeiro herdeiro da tradição democrática e humanista. O filósofo não pretendia que simplesmente fossem abolidas as instituições burguesas, substituindo-as todas. Ele esperava que os trabalhadores pudessem controlá-las e em seguida mudá-las. No final da vida levantou a hipótese de que a revolução socialista poderia vir a ocorrer em países mais desenvolvidos através de eleições parlamentares, admitindo a possibilidade de resistência dos reacionários.

Como vimos no início deste livro, o marxismo é um dos alvos prediletos da guerra de propaganda ideológica, cujo campo de batalha principal é a telinha de TV. Por isso causaram estranheza as declarações de alguns teólogos brasileiros que, em 1987, visitaram a União Soviética e Cuba a convite da Igreja Ortodoxa russa (um dos ramos do cristianismo). Os teólogos afirmaram que a qualidade de vida do povo soviético, apesar de todas as filas, é superior à que se leva em nossa sociedade, que está na esfera do capitalismo. O socialismo acabou com as diferenças de renda brutais, diminuiu muito a criminalidade (que, entre nós, é sinônimo de pobreza), enfrentou decididamente problemas básicos da população, como saúde, educação e moradia para todos. Para fazer uma comparação com uma sociedade considerada subdesenvolvida, logo após a revolução comandada em 1959 por Fidel Castro, foi feito um gigantesco esforço para eliminar o analfabetismo, sendo promovido um desenvolvimento coletivo e até a prática de esportes (nenhum estádio cobra ingresso). Sinal visível da situação cubana é que ali não existem favelas, uma das piores chagas do modo de produção capitalista.

Outra forma de autoritarismo atribuída ao marxismo se refere a um possível dogmatismo. Mas o que vemos hoje é uma discussão cada vez mais ampla de algumas teses consideradas centrais nas idéias de Marx. Já não se aceita mais que um único partido represente a classe operária, a necessidade de se valorizar a iniciativa pessoal e a importância do papel do indivíduo. Fala-se em “humanismo marxista”.

Como doutrina social, política e filosófica, o marxismo sempre se desenvolveu quando não foi tratado de forma sectária. Uma contribuição humanista importante foi dada por Antonio Gramsci, fundador do Partido Comunista Italiano, grande intelectual que analisou profundamente as relações entre sistema econômico (“infra-estrutura”) e cultura (ou “superestrutura”, que reúne as idéias, manifestações artísticas, sistema educacional, jurídico etc). Marx havia colocado o peso das transformações sociais sobre o desenvolvimento dos modos de produção. Já Gramsci deu novo valor ao papel da cultura e da educação como elementos decisivos na transformação da sociedade. Também deu um sentido progressista à reflexão teórica, valorizando o intelectual quando se engaja na luta pela transformação da sociedade. Gramsci é chamado de “Lênin do Ocidente”.

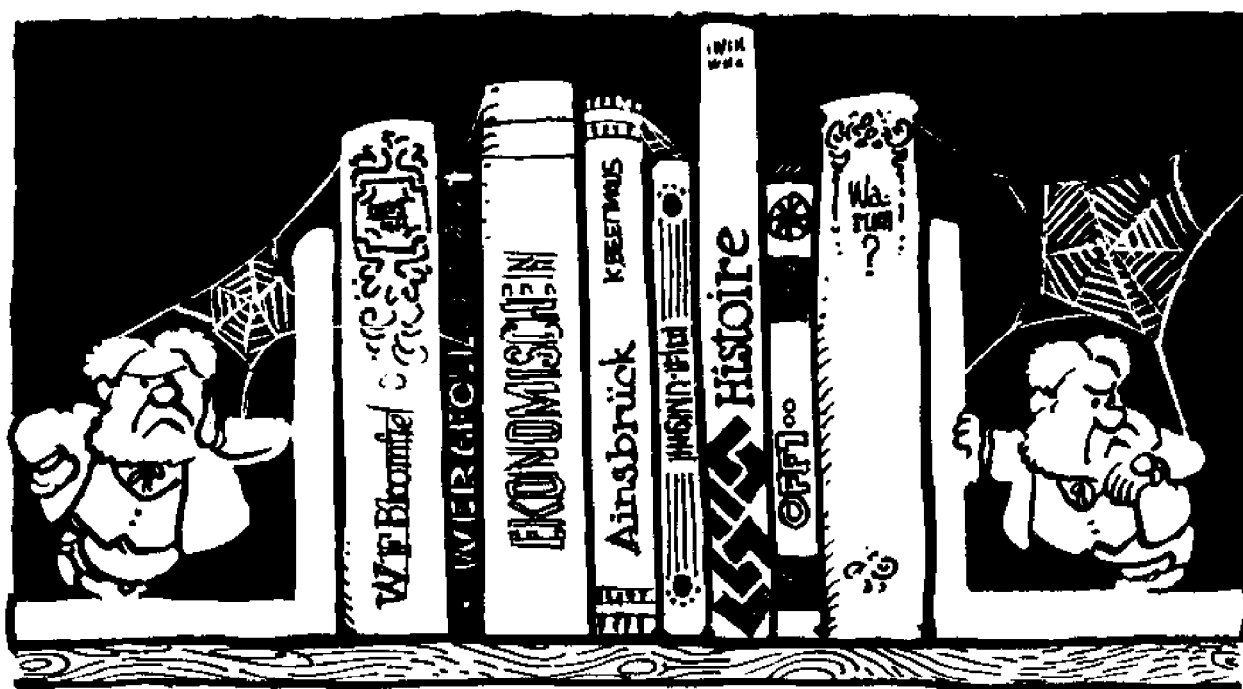


Gramsci

Outra contribuição importante para o “humanismo marxista” foi dada pela *Escola de Frankfurt* (na Alemanha), que a partir da década de 30 lançou uma visão própria do marxismo. Seus principais representantes são os filósofos Walter Benjamin, Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Erich Fromm e Jurgen Habermas. Considerado um dos maiores filósofos do nosso tempo, Habermas critica atualmente em Marx uma demasiada confiança no progresso e na ciência. Ele mostra a necessidade de se criarem espaços de sociabilidade que superem a racionalização técnica, que desumaniza as pessoas. Para Habermas, a técnica e a ciência tornaram-se instrumentos do capitalismo para impor às massas a ilusão de que a dominação que sofrem é legítima.

No século XX, o marxismo influenciou ainda representantes de correntes de pensamento tão variadas como a psicanálise (com Wilhelm Reich), a fenomenologia (Maurice Merleau-Ponty) e o existencialismo (Jean-Paul Sartre).

Na abordagem do marxismo existem críticas falsamente marxistas. Trata-se de um pensamento conservador, que se reduz a uma interminável coleção de interpretações que esvaziam a essência do pensamento originado em Marx: o desejo de fazer justiça, concretamente. Esse “marxismo” acadêmico tem medo do “cheiro do povo”. Ao estudar o encadeamento das idéias, a lógica interna do pensamento de Marx (que propriamente é a mesma de Hegel), tais analistas acabam tratando o marxismo como uma peça de anatomia, sem vida, conservada em formol. Não interessa a esses “sumos sacerdotes do saber” que a filosofia de Marx seja entendida fora dos muros das universidades, que ganhe as casas do povo e as praças públicas. A revolução acaba repousando nas estantes, fechada dentro dos livros.



Engels certa vez disse que ele e Marx não tinham interesse nos “sachichões profissionais”. Nosso filósofo não criou nenhum sistema fechado: ele estava sempre insatisfeito. O próprio *O capital* é uma obra inacabada. Marx continuou um estudante, inquieto e inquietante, que sempre se manteve fiel à decisão de colocar seu saber “a serviço da humanidade”. Por este ideal sacrificou sua saúde, sua felicidade, sua vida e sua família.

Marx era assim. Não podia dar as costas ao sofrimento humano. Seus escritos são indignados. E ele tinha muitas razões para isso.

Este livro foi só o começo...

É claro que uma obra não pode esgotar um assunto. Este livro foi como um bilhete de passagem para uma viagem ao pensamento e à vida de Marx. Por isso apresento algumas “referências geográficas” nesse verdadeiro continente filosófico que é o pensador que acabamos de estudar:

- *Marx: vida e obra*, de Leandro Konder (Editora Paz e Terra). Gosto muito desse autor, sua obra e sua pessoa. No livro dele, você tem aprofundadas muitas questões que tratamos aqui.
- *Rumo à Estação Finlândia*, de Edmund Wilson (Companhia das Letras). É um livro atualíssimo sobre os atores da História, da Revolução Francesa à Revolução de 1917. Wilson trata Marx sem mitos, como ele era na realidade, seu caráter, a vida familiar, seus vícios e suas virtudes.
- *Conceito marxista de homem*, de Erich Fromm (Editora Zahar) e *O marxismo*, de Henri Lefebvre (Editora Difel) são reflexões mais aprofundadas e muito interessantes.
- *Concepção dialética da educação*, de minha autoria (Editora Cortez e Autores Associados). Nesse livro trato das principais idéias de Marx sobre dialética e seu método.
- Lênin publicou em 1918 uma biografia sobre Marx, de umas sessenta páginas, e que aparece em diversas edições;
- *O capital*, do próprio Marx: não é uma leitura tão difícil e nada dispensa o contato com o próprio autor. Recomendado para leitores a partir da universidade.
- Carlo Cafiero escreveu uma adaptação de *O capital* (Editora Pólis) e pode ser um bom começo.
- *Cartas filosóficas e outros escritos*, de Marx e Engels (Editora Grijalbo): é nas cartas que as pessoas mostram melhor como realmente são. A partir delas podemos entender o que mais preocupava essas pessoas.
- *Convite à leitura de Gramsci*, de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti e Paolo Piccone (Editora Achiamé, 1976), introduz textos sobre cultura e filosofia de um dos autores marxistas mais lidos hoje no Brasil.
- Coleção Primeiros Passos (Editora Brasiliense) traz temas que se relacionam diretamente com o pensamento de Marx. Através de alguns de seus livros, você poderá saber *O que é...* Socialismo, Dialética, Comunismo, Anarquismo, Ideologia, Revolução, Stalinismo, Trotskismo, Capital, Mais-Valia, Alienação, Marxismo.

Anexo

Perestroika (conclusão)

Mikhail Gorbatchov

Agora, é tempo de terminar...

(...) A reestruturação não é fácil para nós. Avaliamos criticamente cada passo que damos, analisamo-nos à procura de resultados práticos e percebemos com entusiasmo que o que parece aceitável e suficiente hoje pode ser obsoleto amanhã.

Os dois anos e meio que se passaram deram-nos muito. Os próximos anos, talvez mesmo meses, assistirão a medidas novas e não-convencionais. No curso da reestruturação estamos expandindo e clarificando nossas noções sobre o passado, o presente e o futuro do socialismo. Estamos nos redescobrimos. Isto foi e está sendo feito, como já disse, não para insuflar a imaginação, nem para “ganhar afetos”, nem aplausos. Somos estimulados pelas idéias da Revolução de Outubro de 1917, as idéias de Lênin e os interesses do povo soviético.

Acreditamos que os frutos da reestruturação beneficiarão também as relações internacionais, incluindo as existentes entre a URSS e os EUA. A nova filosofia política é um imperativo de nossa época. (...)

Estamos tentando transformar a suspeita e a hostilidade em confiança, o “equilíbrio pelo medo” em razão e boa vontade, o egoísmo nacionalista estreito em cooperação. Esta é a meta de nossas iniciativas para a paz. (...)

Há uma grande sede de compreensão e comunicação mútuas no mundo. É sentida entre os políticos, está ganhando impulso na *intelligentsia*, entre os representantes da cultura e a opinião pública. E, se a palavra russa “perestroika” entrou facilmente para o vocabulário internacional, isso se deve a algo mais do que interesse naquilo que está acontecendo na URSS. Atualmente, o mundo todo necessita de uma reestruturação, isto é, de um desenvolvimento progressista, de uma mudança fundamental.

O povo sente e entende isso. Tem de encontrar seu significado, compreender os problemas que atormentam a humanidade, entender como deverá viver no futuro. A reestruturação é uma necessidade para um mundo abarrotado de armas nucleares, repleto de sérios problemas econômicos e ecológicos, mergulhado na pobreza, atraso e doença, para uma raça que enfrenta uma emergência para assegurar sua própria sobrevivência.

Somos todos estudantes e nosso professor é a vida e o tempo. Acredito que cada vez mais pessoas perceberão que a integridade do mundo será acentuada através da *reestruturação*, no sentido amplo da palavra. Tendo recebido boas notas de nosso principal professor, a vida, entraremos no século 21 bem preparados. (...)

Queremos que a liberdade reine com supremacia em todos os recantos do mundo no século 21. Desejamos que se desenvolva livremente uma competição pacífica entre os diferentes sistemas sociais, a fim de encorajar uma cooperação mutuamente vantajosa em vez de confrontação e corrida armamentista. Queremos que os povos de todos os países gozem de prosperidade, bem-estar e felicidade. O caminho para isso se encontra no avanço para um mundo não-nuclear e não-violento. Já iniciamos essa caminhada e apelamos para que os outros países e nações sigam nosso exemplo.

prazer em **CONHECER**

Pé na estrada! Vontade de caminhar
Descobrir com o desconhecido
Perguntar o necessário
Aprender consigo (mesmo)

Mochila nas costas: levar o essencial
Nada de conforto
Perdi os hábitos
Liberdade me carrega

Filosofia, amor, sabor, saber
Outros puderam
Você também pode

Por que não?

Livros desta coleção:

PLATÃO - USAR A UTOPIA Jorge Cláudio Ribeiro
SARTRE - É PROIBIDO PROIBIR Fernando José de Almeida
ARISTÓTELES - O EQUILÍBRIO DO SER Otaviano Pereira
DESCARTES - A PAIXÃO PELA RAZÃO Mario Sérgio Cortella
MARX - TRANSFORMAR O MUNDO Moacir Gadotti
ROUSSEAU - O BOM SELVAGEM Luís Roberto Salinas Fontes
e outros filósofos